

Stadium

N.º 98 * 18 DE OUTUBRO DE 1944 * PREÇO 1\$50

VER NESTE NÚMERO

Reportagem completa do encontro entre o Sporting e o Athletic Aviación em Madrid

Os melhores instantâneos colhidos nos jogos de futebol de domingo

Reportagem gráfica e tricromia do Lusitano Sporting Clube de Beja

(a última da revista)

Sporting-Benfica

ANTES DO JOGO ENTRE
OS VELHOS RIVAIS

Cardoso e Albino, capitães dos "teams"
trocam cordiais saudações

INICIATIVAS DA «STADIUM»

O "Curso de Ciclistas"

dirigido por Gil Moreira

foi inaugurado com invulgar ambiente de simpatia

A inauguração solene do «Curso de Ciclistas», promovido pela nossa revista, por sugestão de Abílio Gil Moreira, fez-se no lugar mais próprio — na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo. Tendo o nosso curso por objectivo imediato fornecer aos corredores ensinamentos técnicos, que lhes permitam tirar melhores rendimentos dos seus recursos atléticos, visa, pois, num plano superior, o progresso e o desenvolvimento do ciclismo nacional. A Federação Portuguesa de Ciclismo e a Associação de Ciclismo do Sul, reconhecendo o valor efectivo da iniciativa da «Stadium», deram-lhe, logo de princípio, o seu patrocínio mais entusiasta.

Teve invulgar significado de simpatia, — pela iniciativa, pela «Stadium» e por Abílio Gil Moreira, professor do novo curso de técnica desportiva — a sessão de abertura. Foi esta a característica mais saliente. Compareceu o que que o ciclismo tem de mais representativo — nas suas funções directivas e nos organismos federativos. A Direcção Geral de Desportos, como entidade coordenadora de tudo quanto se faz em desporto, teve a gentileza de se fazer representar pelo inspector que superintende nesta modalidade — dr. Salazar Carreira, nosso prezado amigo e distinto colaborador. A imprensa desportiva esteve representada pelo sr. Raúl de Oliveira, director do nosso colega «Os Sports».

Podemos, assim, afirmar, com legítimo orgulho, que a inauguração do novo curso se fez sob os melhores auspícios — numa excelente e animadora atmosfera de simpatia, confiança, entusiasmo e camaradagem.

Uma série de discursos

Presidiu à sessão o sr. dr. Salazar Carreiradeado, à direita, pelos nossos colegas Manuel Mota, como representante da Federação Portuguesa de Ciclismo, de cuja direcção é vice-presidente, e Raúl de Oliveira, director do tri-semanário «Os Sports» e; à esquerda, pelo sr. Carlos Paulino, representante da Associação de Ciclismo do Sul, e dr. Guilhermino de Matos, nosso querido director.

O dr. Guilhermino de Matos abriu a sessão, em nome da «Stadium». Dirigiu, em primeiro lugar, os seus cumprimentos e agradecimentos às entidades oficiais e particulares que nos deram a honra e o prazer da sua presença à abertura do Curso, especializando, no entanto, a Direcção Geral de Desportos, a Federação de Ciclismo, a Associação de Ciclismo do Sul e o nosso prezado colega «Os Sports». A todos se confessou muito grato.

Falou, depois, do que tem sido a orientação de «Stadium», na nova série publicada sob a direcção do orador. Formou-se um corpo de doutrina, que obedece ao propósito de fazer critica honesta, construtiva, firme e desapaixonada. Acompanhar-se-ia com interesse, afirmou-se, toda a competição desportiva, incitando os novos, aplaudindo tudo quanto seja digno de elogio, auxiliando o progresso de todos os desportos, contribuindo para a sua expansão.

A nossa revista passou oportunamente a lançar, nas suas colunas, os primeiros ensinamentos. Com o título «Corrija o seu estilo», tem o dr. Salazar Carreira ensinado aos cultores do atletismo a melhor maneira de o praticar, apontando erros de estilo realçados pela fotografia, ou servindo-se da fotografia para indicar o estilo que pode ser apontado como exemplo.

Surgiu-nos, agora, oportunidade para levar as nossas lições a outro sector do desporto — ao ciclismo. Criámos, assim, este curso, que Abílio Gil Moreira, nosso distinto colaborador e antigo corredor, vai dirigir com uma competência largamente afirmada.

O dr. Guilhermino de Matos fez, seguidamente, um rápido elogio de Abílio Gil Moreira como homem, técnico, dirigente e jornalista, pondo em destaque a forma como, sendo sempre franzino, chegou a corredor de primeiro plano e conseguiu ser campeão nacional em pista. Julga o orador que, por tudo quanto disse, não seria fácil encontrar quem melhor pudesse dar algumas lições de ciclismo.

Feita d'êste modo a apresentação de Abílio Gil Moreira, falaram os srs. Manuel Mota, para apresentar os agradecimentos da Federação de Ciclismo e fazer várias referências afectuosas ao valor de Gil Moreira; Carlos Paulino, da Associação de Ciclismo do Sul, que se referiu à iniciativa em termos amáveis, pondo também em foco a sua confiança nas qualidades de Gil Moreira; e Raúl de Oliveira. Este nosso colega espraiou-se em considerações ácerca do ciclismo e da crise que o mesmo atravessa. Felicitou a «Stadium» pela iniciativa. Disse como Gil Moreira se fez jornalista em «Os Sports». Congratulou-se com a escolha do mesmo para professor do novo Curso. E findou a sua oração com o elogio do dr. Salazar Carreira, que o orador vê com satisfação a superintender no ciclismo, como representante da Direcção Geral de Desportos.

A lição inaugural

Quando Abílio Gil Moreira teve a palavra para a primeira lição, foi acolhido com palmas. Agradeceu essa deferência, entrou imediatamente no tema da sua palestra — algumas idéias gerais sobre o ciclismo e a bicicleta e ácerca da sua história; acentuou, no entanto, que o Curso não se destinava a ensinar a andar de bicicleta, nem a fazer campeões. E somente um curso livre, aberto a todos quantos se interessam pela bicicleta.

As suas características didáticas abrangem, embora sucintamente, todos os sectores de velocipedia. A abrir, fará, apenas, um resumo da história da invenção da bicicleta, de como se iniciaram as competições desportivas, do valor de velocipedia como elementos de co-

mércio e desporto, das virtudes do ciclismo, sob o ponto de vista social, e do que é necessário para se ser corredor.

Em cada um destes capitulos, em que Gil Moreira subdividiu o seu trabalho, fez o professor do novo curso largas considerações em reforço dos seus pontos de vista e da doutrina que vai desenvolver em cada uma das lições, as quais serão semanais e se farão às sextas-feiras, à noite, na sede da Federação.

Abílio Gil Moreira, ao findar, recebeu nova salva de palmas.

Um improvisado do dr. Salazar Carreira

O dr. Salazar Carreira falou, depois, para encerrar a sessão. Fez-lo, num belo improvisado, com o habitual brilhantismo da sua palavra fluente.

Começou por uma referência à simpatia com que a Direcção Geral de Desportos acolheu a iniciativa da «Stadium», e do prazer com que representou a mesma Direcção, no sábado. Falou depois da utilidade da tarefa de ensinar e da valia do ciclismo. Referindo-se propriamente à bicicleta, disse que tem o pergamino de haver contribuído para o desenvolvimento do desporto. O ciclismo foi, no princípio da sua actividade, nos seus primeiros tempos, um desporto aristocrático. Depois, popularizou-se.

O orador evocou, seguidamente, o que tem sido o ciclismo em Portugal e a expansão provocada pela «Volta a Portugal em bicicleta». A propaganda de ciclismo fazia-se, durante a conhecida prova, em todo o país. Oxalá que o novo curso possa concorrer para que o ciclismo retome a animação de outras temporadas.

Em seu entender, — continuou o orador, — a crise que o ciclismo atravessa proveio de duas causas: elevado preço das bicicletas e dos acessórios; o desinteresse dos clubes pelas equipas de ciclismo.

Felicitou, depois, a «Stadium», e Gil Moreira, pela criação do curso. Está convencido de que vai ser benéfica a acção a desenvolver. E julga que a iniciativa vem em boa oportunidade. Não queria, a tal respeito, deixar de pôr em relevo o significado da presença dos srs. dr. Guilhermino de Matos e Raúl de Oliveira, a quem cumprimentou. Dirigem, ambos, os dois maiores jornais desportivos do país. A iniciativa está, pois, bem entregue. E porque é digno de interesse e auxílio, prometeu aparecer de vez em quando, para julgar do entusiasmo que a iniciativa desperta nos clubes.

O dr. Salazar Carreira fechou assim a sessão.

O valoroso desportista LEONEL COSTA

fez há dias a sua festa de despedida

JOGADOR de hockey, em campo e em patins, corredor, jogador de futebol, atleta, em suma — tudo isto foi Leonel Costa, um desportista correcto e disciplinado, que não conheceu outra camisola de clube além da do S. L. Benfica. Vinte e três anos de actividade ao serviço do desporto — dizem eloquentemente a que pode ter sido a carreira de Leonel, esmaltada de triunfos. Cerca de cem campeonatos ganhos para o Benfica, vários «recordes» conquistados e quarenta e duas seleções para equipas de Portugal e de Lisboa, constituem, em síntese, o brilhantissimo palmarés de Leonel.

Por isso a festa de homenagem do Benfica a Leonel Costa, efectuada no sítio da Avenida de Gomes Pereira, constituiu manifestação digna de solidariedade desportiva e serviu para demonstrar, publicamente, o alto estima e apreço pelo atleta, que, através de quasi um quarto de século de actividade, soube conquistar «missões», e «culturas», impondo-se ao respeito e consideração de companheiros e adversários.

No festival de sábado, interessante, houve sempre animação e alegria. O publico ocorreu em elevado numero — e o espectáculo foi, na realidade, uma verdadeira festa de desporto. Dois desafios de hockey (Sp. Oitras — Casais, 1-0; F. Benfica-Benfica, 3-2), exhibições de patinagem artistica, por Tila Pedrosa e José Soares, e de gymnastica educativa, pela classe de raparigas da Fábrica Simões, de Benfica, sob a orientação do prof. Maria de Lourdes Tainha. Fêz-se também uma tentativa, malograda, contra o «record» da légua — e, por fim, desfile de atletas, em honra de Leonel, que «nessa noite disputava o seu último jogo de hockey».

Muitas prendas, muitas lembranças, a consagração publico, enfim, do homenageado, através dos discursos do dr. Augusto do Figueira, presidente do Benfica, e de José Provesas, pela Federação de Patinagem.

Mas mais interessante que tudo, salienta-se o louvor publico da Direcção Geral de Desportos, que reproduzimos na integra:

«Não passa despercebida à Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, o facto do jogador de hockey, em patins, do Sport Lisboa e Benfica, Leonel Costa, após 23 anos de actividade desportiva, convergendo sempre a camisola do mesmo clube, abandonar o desporto, no qual tanto se destacou.

Com effeito, Leonel Costa, como mais alguns, pertence a essa falange dos que se mantêm pela vida fora fiéis ao seu clube da primeira hora e, se isso não fosse, só por si, uma virtude tão rara entre nós, havia a circunstancia, igualmente valiosa de, durante o tempo citado, se ter imposto como jogador de notáveis qualidades que, mercê do seu saber, teve a honra de disputar a primeira encontros internacionais, a maior parte dos quais em campeonatos da Europa e do Mundo.

Pelo muito que a patinagem, em geral, e o hockey patinado, em especial, lhe devem — tanto mais que, nesta modalidade, contribuiu poderosamente para o prestigio que Portugal conquistou no estrangeiro — cumpre a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar o grato dever de apontar Leonel Costa, como exemplo, aos desportistas portugueses, louvando-o publicamente pela sua brilhante actuação durante os vinte e três anos em que se manteve em actividade.

A distincção concedida a Leonel Costa pelo organismo dirigente dos desportos em Portugal representa, só por si, a consagração das virtudes do atleta e deve constituir, até, o mais alto galardão para o homenageado — a quem, no momento o da despedida, «Stadium» aproveita a circunstancia para saudar também como valoroso desportista.

1944 - Ano dos novos

Comentários pelo dr. SALAZAR CARREIRA

Avaga poderosa de renovação que se desenvolveu este ano através das fileiras praticantes do atletismo português, tornou importância dominante nas apreensões sobre o conjunto de actividade da época e ficará para futuro como a sua característica mais interessante.

Quando falamos de renovação, englobamos na palavra a subida definitiva de elementos novos, embora não revelados na temporada, como Alvaro Dias e António Santos (produtos de 1943), Sampaio Peixoto, Luís Alcide, João Silva, etc., os quais completam magnificamente a nota de rejuvenescimento que já fôra delineada com perfeita nitidez pelo excelente comportamento dos estreantes e pela confirmação de alguns juniores.

Para apreciar com mais certeza o valor da colheita do ano, vamos buscar aos números opinião desapaixada e inofensiva, comparando as marcas dos três melhores classificados em cada prova do programa da categoria nos quatro últimos torneios.

Nos 60 metros encontramos: 1941—7 s. e 7,1 s., únicos tempos tomados na final; 1942—7 s.; 7,3 s. e 7,3 s.; 1943—7,4, 7,3 e 7,5 s.; finalmente, em 1944 averbamos 7 s.; 7 s. e 7,2 s., com uma marca de 6,9 s. na meia final. É curioso registar que, de todos os corredores incluídos nesta lista de tempos, apenas os dois vencedores de 1942 (Vinicio e Paquete) fizeram carreira no atletismo. Os restantes desapareceram, na maioria dos casos por abandono das práticas atléticas.

Completamos a lista em relação às outras provas, seguindo sempre o mesmo critério.

Considerações e notas de apreciação sobre o segundo DECATLO português

A competição do segundo Decatlo organizado pela Associação de Lisboa, valorizada pela presença do português Edgard Tamegão, proporcionou, aos poucos mas verdadeiros amigos do atletismo que foram ao Estádio do Lumiar, espectáculo agradável e captivante e o desfecho simpático da melhoria da sua pontuação nacional pelo vencedor, Fernando Matos Fernandes, do Sport Lisboa e Benfica.

Pena foi que a entidade organizadora tardasse tanto a pôr em prática a sua iniciativa, deixando que desaparecesse a melhor forma dos participantes, como se demonstrou pelas marcas inferiores de todos eles nas provas de sua especialidade: Matos Fernandes na altura e nos 400 metros, Tamegão e Alvaro Dias no comprimento, Alcide nas barreiras e Ruivo com o peso.

Perderam, assim, todos eles, número considerável de pontos; o «record» nacional podia ter subido mais umas centenas de pontos—e os dois homens classificados nos postos de honra valem ambos mais de 5000 pontos em condições normais de preparação.

Pena foi também—e a causa do contra-tempo deve ter sido a mesma—que não comparecessem dois atletas que são dos mais completos e susceptíveis ambos de dar boa réplica ao nosso campeão: Fernando Ferreira e Martins Vieira, os quais, com os três melhores classificados da prova, o português Montalvão Fernandes e o ausente Amaral Cardoso, formam o grupo dos únicos praticantes portugueses com possibilidades reais num conjunto de provas tão complexo.

A organização deixou bastante a desejar, foi muito «final de época»; em qualquer dos dias começou atrazadíssima, no sábado por causa da chuva e no domingo porque não havia barreiras e muito dificilmente se reuniram as dez indispensáveis. Pareceu-me mau sistema formar, exclusivamente com as provas do Decatlo, dois programas: ou se cai naturalmente no exagero de abolir os descansos entre as sucessivas competições, ou então ficam de prova para prova supérfluos espaços mortos.

Embora as sessões se alonguem desta forma, são indispensáveis quaisquer provas para intercalar com as do Decatlo, como na segunda

250 metros: em 1941—30,1 s. e 30,2 s., tempos famosos e difíceis de igualar, porque resultaram do embate de dois homens de classe: Evaristo Silva e Manuel Raposo. Em 1942—32,4; 32,5 e 32,8 s.; em 1943—30,8; 31,2 e 31,8 s.; em 1944—30,6 s.; 31,1 s. e 31,8 s.

O tempo conseguido por Manuel Colaço é, pois, a terceira marca portuguesa, boa promessa abonatória do que podemos esperar do seu autor.

700 metros: em 1941—1 m. 51,1 s. e 1 m. 51,1 s.; em 1942—1 m. 52 s., 1 m. 56,1 s. e 1 m. 56,4 s.; em 1944 a superioridade é manifesta, com 1 m. 49,4 s. de José Vicente, 1 m. 51 s. de Castelo Branco e 1 m. 52 s. de Joaquim Campos.

2000 metros: é esta a distância menos favorecida no ano, como se comprova: 1941—6 m. 12,4 s. (único tempo registado); 1942—6 m. 11 s., 6 m. 15 s. e 6 m. 16,8 s.; 1943—6 m. 9 s. (Afonso Marques), 6 m. 22,8 s. e 6 m. 23,4 s.; 1944—6 m. 13,2 s. e 6 m. 15 s.

Salto em altura: progresso notável. 1941—1,65 m., 1,65 m. e 1,60 m.; 1942—três marcas de 1,65 m.; 1943—1,65 m. e duas marcas de 1,60 m.; 1944—duas marcas de 1,72 m. e outras de 1,65 m.

jornada se fez, com o torneio do Sporting, para simpatizantes.

O Decatlo devia figurar obrigatoriamente no programa português, com características nacionais e promovido pela Federação quinze dias após os Nacionais, juntando ao programa de cada dia quatro corridas ou concursos que ocupassem dez minutos, cada uma delas, para intercalar as competições da prova principal.

Antes de apreciar propriamente o aspecto técnico da recente organização, registemos os resultados. No primeiro dia, disputando-se os 100 metros, salto em comprimento, lançamento do peso, salto em altura e 400 metros, verificaram-se os resultados seguintes: Matos Fernandes: 11,7 s., 6,23 m., 9,71 m., 1,70 m. e 53,6 s. Edgard Tamegão: 11,6 s., 6,52 m., 10,66 m., 1,55 m. e 54,2 s. Alvaro Dias: 11,9 s., 6,50 m., 9,98 m., 1,60 m., 57,1 s. Luís Alcide: 12 s., 6,31 m., 7,27 m. e 1,60 m., 57,1 s. António Santos: 12,8 s., 5,53 m., 8,68 m., 1,55 m. e 1 m., 3,2 s. Emídio Ruivo: 14 s., 5,39 m., 11,92 m., 1,45 m., 1 m., 10 s.

Traduzidos em pontos, essas marcas correspondiam a: Matos Fernandes, 3053 p.; Tamegão, 3041 p.; Dias, 2845 p.; Alcide, 2546 p.; Santos 2106 p.; Ruivo 1925 p.

No segundo dia (110 m. barreiras, disco, vara, dardo e 1500 m.) tivemos:

Matos Fernandes: 17,6 s., 31,42 m., 2,54 m., 38,30 m., 4 m. e 39,4 s. e o total de 5395 p. (antigo máximo nacional, 5358 p.).

Edgard Tamegão: 19,5 s., 29,81 m., 2,54 m., 35,15 m. e 5 m. 23 s., total de 4875 p. (antigo «record» do Norte, 4621 p., por Montalvão Fernandes).

Alvaro Dias: 21,3 s., 29,35 m., 2,83 m., 34,22 m. 4 m. 50,6 s., total de 4809 p.

Luís Alcide: 17,2 s., 24,35 m., 2,52 m., 28,83 m. 5 m. 48 s., total de 4256 p.

António Santos: 21,8 s., 23,49 m., 3,43 m., 30,48 m., 5 m. 45 s., total de 3804 p.

Emídio Ruivo não compareceu.

Em relação ao anterior Decatlo, de 1942, Matos Fernandes progrediu 0,27 m. no comprimento, 0,25 m., com o peso, 2,95 m. com o disco, 0,14 m. à vara, 0,10 m. com o dardo e 8,6 s. nos 1500 m.; piorou 0,1 s. nos 100 m. e 0,4 s. nos 400 m., 0,10 m. em altura e 0,6 s. nas barreiras.

Salto em comprimento: 5,76, 5,72 m. e 5,62 m. em 1941; 5,91 m., 5,82 m. e 5,64 m. em 1942; 6,16 m. (Alvaro Dias), 5,91 m. e 5,68 m. em 1943; 6,40 m. (Vicente), 6,27 m. (Homero) e 5,70 m. em 1944.

Lançamento do peso: 13,52 m., 11,99 m. e 11,20 m. em 1941; 12,29 m., 11,40 m. e 10,90 m. em 1942; 12,50 m., 12,36 m. e 12 m. em 1943, abstraindo a marca de um atleta de nacionalidade alemã, que não importa às estatísticas portuguesas e que só foi considerado estreante pela deficiência dos nossos regulamentos e conveniência dos dirigentes interessados, pois a sua classificação assentou apenas sobre a sua estreia em Portugal, sem cuidar da experiência no país de origem; finalmente, em 1944, 12,51 m., 12,10 m. e 11,99 m.

Lançamento do disco: 32,68 m., 22,76 m. e 25 m. em 1941; 29,20 m., 28,85 m. e 27,59 m. em 1942; 30,17 m., 29,26 m. e 28,02 m. em 1943, contando também apenas os resultados nacionais; 27,90 m., 27,67 m. e 27,64 m. em 1944.

Do confronto de todos estes números conclui-se que a incorporação da época finda se mostrou de qualidade superior em corredores de velocidade e meio-fundo e em saltadores, equilibrada com as procedentes em corredores de fundo e lançadores de peso, apenas inferior no grupo dos discóbolos—os quais, no entanto, provaram valer mais, nos concursos imediatos.

Outro promenor interessante de fixar é o comportamento dos estreantes nos campeonatos da categoria imediata, chamada dos principiantes, e cuja manutenção independente não se justifica pelos exemplos da prática.

Em 1943, seis dos dez campeões principiantes eram estreantes e em 1944 sucedeu o mesmo em nove provas. Melhor ainda: nas dez provas individuais os estreantes conquistaram esta temporada, além desses nove primeiros lugares, sete segundos e sete terceiros, ocupando nas equipas vencedoras das estafetas quatro lugares na de 5x100 m., os três da de 3x300 m. e dois na de 3x1000 m.

Assim se demonstra a não existência, em quantidade e valor apreciável, de principiantes propriamente ditos, sendo preferível—para evitar uma inútil duplicação—reunir para futuro as duas categorias numa só, dando-lhe a elasticidade conveniente para a justa apreciação de valores e direitos.

Voltando ao nosso assunto fundamental, apresentaremos ainda outra verdade comprovativa do merecimento dos estreantes de 1944, se investigarmos o seu comportamento nos torneios regional e nacional de juniores, categoria onde defrontaram adversários na realidade mais experientes e trabalhados: dos doze campeões regionais de juniores, sete eram estreantes (Machado, Silveira, Colaço, Camões, Seródio, Santos Vieira e Homero) e dois principiantes (H. Bastos e Miranda); entre os campeões nacionais da mesma categoria figuram os nomes de seis estreantes (Machado, Silveira, Colaço, Américo Pinto, Seródio e Homero) e dois principiantes (J. Bastos e Barbosa).

Não se pode exigir melhor rendimento ao produto de um ano de prospeção; a colheita foi excelente e anuncia futuro próspero e fecundo. Tudo sujeito, claro, às vicissitudes e incertezas do desporto...

O fracasso no salto em altura e nos 400 metros, as suas melhores provas, foi influenciado por circunstâncias estranhas: após o lançamento do peso, o delegado do seu clube exigiu o tempo de descanso, apesar de todos os concorrentes preferirem prosseguir imediatamente. Esta inactividade (com os atletas mal abafados nos seus fatos de flanela de algodão) coincidiu com o desaparecimento do sol e bruseo e considerável arrefecimento atmosférico; o trabalho muscular resentiu-se do facto



A viagem do Sporting a MADRID



Em Lisboa e em Madrid

1 — A embaixada do Sporting e o sr. Director Geral de Desportos, no momento da partida; 2 — A chegada a Madrid. Os dra. Salazar Carreira e Barreira de Campos descem do avião. Peyrotao, chegado pouco antes, cumprimenta os companheiros da equipa; 3 — Os dirigentes portugueses e espanhóis durante a sua recepção na Federação castelhana; 4 — O alegre fim de uma pequena «aventura»... Peyrotao, com sua gentil esposa, mostram-se satisfeitos pelo feliz regresso... de avião; 5 — O dr. Salazar Carreira pela terra portuguesa indifferente às emoções de mais um vôo e satisfeito pelo êxito da sua missão; 6 — Outro grupo de «leões» que volta encantado com o ineditismo da esplêndida viagem





Aspectos colhidos no Estádio Metropolitano: 1 — O sr. Embaixador de Portugal em Espanha cumprimenta Cardoso, saudando o team pelo seu comportamento; 2 — Um instantâneo que dá bem a ideia da maneira ardorosa como os portugueses lutaram; M. Marques e Barrosa acorrem com singular energia; 3 — Cardoso e Gablongo abraçam-se no começo do encontro. Os dirigentes também. O dr. Barreira de Campos, sempre de fidalga cortezia, mostra um sorriso optimista. Ao fundo, o director Isaac Sequerra; 4 — Cardoso em luta cerrada com Campos; 5 — Ederra, excelente guarda-rédes do A. Aviacion, despacha a pontapé uma bola conduzida por Peyroteo; 6 — O grande «back» Riera, o melhor homem espanhol, numa defesa de cabeça; 7 — Zamora e Cardoso trocam impressões; 8 — Peyroteo é entusiasticamente abraçado depois de marcar o «goal» do Sporting; 9 — Uma fotografia que mostra a ilegalidade do 2.º «goal» espanhol, marcado de cabeça por Taltavuel — mas apoiado nas costas de M. Marques, para saltar mais alto; 10 — Com uma cabriola, Peyroteo marca o ponto de honra do Sporting; 11 — Azevedo salta à bola por entre Taltavuel e Campos, avançados espanhóis.

OS «LEÕES» EM MADRID

O jogo SPORTING-A. AVIACION nas suas linhas gerais

A indispensável referênciã de factos e nomes

SÓ uma coisa esteve contra nós em Madrid — o tempo. No dia do encontro, mais propriamente durante a hora e meia de jogo, uma chuva miudinha e irritante, e um vento de má feição, prejudicaram o relvado da partida. Várias pessoas que se dispunham a ver o jogo, dada a má cara da atmosfera, ficaram no café ou noutro abrigo, não vendo o jogo português. Foi pena. Essas pessoas jutar-se-ão às portuguesas que, no tocante à exhibição do Metropolitano, vêem apenas o resultado — e não o que se passou no terreno da relva. Pois cabe aqui dizer, e só não o sabem aqueles que não são frequentadores dos campos da bola, que nem sempre os números correspondem aos factos. No resto, a viagem sportinista constituiu um êxito sob todos os aspectos, no campo e fora dele.

Dentro do rectângulo, porque a equipa lisboeta se portou magnificamente — eis a ideia central, à volta da qual necessariamente giram os nossos comentários — impondo um futebol nervoso, vivo, alegre e cheio de recursos. Suprimam com as espantosas qualidades do jogador português todas as deficiências de ordem técnica (basta afirmar que os médios portugueses foram repetidamente punidos por maus lançamentos, o que se nos afigura inconcebível). Fora do terreno, os dirigentes que se deslocaram a Espanha conquistaram um êxito de representação, favorecendo a aproximação desportiva entre os dois países e o lançamento das bases dessa mesma aproximação.

Julgamos de nosso dever insistir no pensamento de que, ao contrário de outras ocasiões, os portugueses saíram do campo de cabeça erguida. Tanto os que jogaram melhor, por fortuna de jogo, como os menos afortunados, forneceram a sua máxima medida, e quanto isto acontece — felizmente para a crítica — não há a mais leve margem para recriminações. Para o nosso espírito inflexivelmente submetido à verdade, isso constitui uma grande satisfação. Um exemplo!

Cuidado — porém. Vem aí competições futebolísticas entre os dois países, sendo absolutamente necessário tratá-las com os devidos cuidados, nada entregando à improvisação. Falamos desta maneira porque em Portugal tem-se muito o gosto de improvisar tudo e de chorar quando já não há remédio possível. Depois dos factos é que se diz que se deveria proceder com a devida cautela. Vem outra oportunidade — e procede-se precisamente da mesma forma. Ainda acreditamos que, desta feita, isso não aconteça.

Não seremos nós os coniventes em semelhante orientação. Assim o exige o futebol português.

O futebol de Espanha ainda não está no grau de outros tempos. Jogadores como Rigueiro, Langara, Iraragari, Cilauren e tantos outros, não se forjam de um momento para o outro. Leva tempo. Julgamos, mesmo, que, submetidos a uma técnica mais apurada do conjunto, os jogadores não terão oportunidade para se revelarem, individualmente, como noutros tempos. Do que não temos dúvida é de que o futebol de Espanha, pela quantidade de jogadores novos que aparecem nos terrenos, de lés a lés de Espanha, e pela perfeição da sua organização, se encontra em franca evolução, numa fase de expansão e florescimento técnico. O Atlético Aviación, considerado por muitos como o *team* espanhol que produz melhor futebol, embora haja quem julgue o A. de Bilbao e o Barcelona as equipas de maior valia, mostrou praticamente que pouco tem que aprender no campo da técnica, da tática futebolística, pela ligação entre os três departamentos e pela forma dos seus jogadores, em velocidade, domínio de bola e concepção do jogo.

Sem dúvida, o Atlético Aviación joga mais do que o Sporting. Sente-se nos seus elementos maior *classe*, expressa no processo de cobrir a bola com o corpo, no toque do esférico com qualquer ponta dos pés, no jogo de cabeça, no salto à bola e em muitos outros detalhes. No entanto, e disso também não nos restam quaisquer dúvidas, o futebol português tem qualidades que suprem a técnica. Por assim dizer, uma técnica especial. Tudo que seja energia e dedicação vive no nosso jogador em porção muito valiosa, a tal ponto que o nosso futebol poderá, servindo-se e apurando as suas armas, não ser inferior ao de Espanha. Porque será que todos os espanhóis se espantavam da frescura e energia dos jogadores portugueses? Eis uma indicação do que valem os e o indicio claro das qualidades a cultivar.

E' preciso, antes de mais nada, meter a arbitragem no *rail* das Regras. Podemos assegurar que os espanhóis jogaram duro, servindo-se tão bem do corpo, que, em Portugal, com estas arbitragens tão em uso, eles seriam punidos centenas de vezes. Não pareciam jogar a bola. Em muitos golpes demos pelos jogadores portugueses, espantados, cruzados os braços, olhando para o árbitro, o famoso Escartín, em virtude do jogo prosseguir, sem corte de apito. O mais espantoso é que o juiz de campo procedia bem. Aquelle jogo de corpo e força não é de punir. Simplesmente, os portugueses, acostumados a diferente critério de arbitragem, estranhavam a orientação. Continuaremos, pois, a pugnar por uma uniformidade de critérios da arbitragem portuguesa, com respeito pelo emprego da força e do mús-

(Continua na página 15)

Os desportistas portugueses prestigiaram e serviram os interesses do desporto nacional na sua visita a Espanha

A deslocação a Madrid da equipa de futebolistas do Sporting Clube de Portugal foi um acontecimento incontestavelmente feliz na vida do desporto português.

As condições especiais do convite dirigido ao clube lisboeta já representavam, só por si, uma nota dignificante para o desporto nacional, pois correspondiam à escolha de um seu representante para colaborar em festival de simpáticos fins benemerentes — incluído, para mais, na data comemorativa do imperecível e fulgurante espírito da hispanidade; o desinteresse material patenleado pelos dirigentes do clube na aceitação do convite, postos em realce por loda a imprensa espanhola, com insistência e êncimo, mais intensificaram o ambiente de apreço e cordialidade — aliás tradição da hospitaleira cidade de Madrid para todas as embaixadas do desporto lusitano.

Desde o momento da descida do avião no aeroporto de Barajas até ao instante em que do mesmo local descolaram a caminho de Lisboa — com enorme base de saudades a avolumar a bagagem de cada um, — todos os dirigentes como os jogadores não tiveram praticamente uma hora em que perencessem a si próprios.

Os componentes da equipa, a cujo espírito de disciplina e exemplar compostura se deve render merecida homenagem, compareceram apenas nas cerimónias mais significativas da manhã e tarde da véspera do encontro; visita ao Estádio Metropolitano, almoço oferecido

A embaixada desportiva portuguesa que esteve em Madrid, fundamentalmente, embora as disposições do jogo de futebol, teve uma segunda finalidade que não pode ser esquecida e cuja importância é deveras transcendente, pela sua projecção no futuro das actividades desportivas nacionais.

Os enviados oficiais que acompanharam a delegação, dr. Salazar Carreira, representante da Direcção Geral de Desportos e nosso querido companheiro de trabalho, e dr. Vergílio Paula, representante da Federação Portuguesa de Futebol, não o fizeram apenas para marcar com a sua presença uma valoriosa intervenção protocolar. Ambos tinham e desempenhar missões importantíssimas — e melindrosas.

Pela forma como cumpriu o secretário-geral da F. P. F. a sua directa incumbência, respondeu a notícia do acordo entre as duas federações nacionais, para a celebração, este ano, de dois encontros (Portugal-Espanha), o primeiro dos quais marcado, em princípio, para 31 de Março, no Estádio Nacional. A acção do dr. Salazar Carreira, muito mais ampla e de transcendente responsabilidade, foi também coroada do mais absoluto êxito, como se depreende dos termos da seguinte nota oficiosa, enviada à imprensa dos dois países:

Na sede da Delegação Nacional dos Desportos, com a assistência dos srs. drs. Salazar Carreira, representante da Direcção Geral dos Desportos; Vergílio Paula, representante da Federação Portuguesa de Futebol; D. Francisco Cardenas, secretário da Delegação Nacional dos Desportos, e do chefe do departamento das Federações da D. N. D., Hildebrón, celebrou-se uma reunião oficial para se traçarem as normas reguladoras do intercâmbio desportivo dos dois países irmãos.

Nesta entrevista, cheia de cordialidade, definiram-se pontos de vista comuns e delinearam-se regras de conjunto de muito interesse, as quais se transformarão em próximas realidades pelo frequente contacto, em todas as modalidades, da mocidade desportiva das duas nações peninsulares.

As conclusões proferidas a que se chegou nesta reunião serão apresentadas brevemente à aprovação do sr. Director Geral de Desportos de Portugal, tenente-coronel Sacramento Monteiro, e do chefe do desporto espanhol, general Moscardó.

Devemos, todos quantos bons desportistas se considerem, congratular-nos pelo que se decidiu dos termos deste comunicado, dando o devido apreço a mais este relevante serviço prestado por Salazar Carreira ao desporto lusitano, no campo internacional. A justificada simpatia de que goza há anos em Espanha, aliada ao prestígio e autoridade que afirmou como o melhor diplomata do desporto português, facilitaram, no desempenho da missão que a sua actual e merecida categoria oficial e a confiança do sr. director geral de Desportos lhe proporcionaram, que Salazar Carreira continuasse agora a obra fecunda que outrora soube conduzir com firmeza, durante os anos que trabalhou como dirigente da F. P. F.

aos dois grupos pela direcção do Atlético Aviación e recepção na Câmara Municipal. Os dirigentes, porém, de agasalho em agasalho, foram alvo de permanentes e consecutivas demonstrações de cordialidade, que calvaram por quanto nelas transparecia de espontâneo e sincero.

Dentro do próprio campo de jogo tiveram os portugueses ocasiões para sentir o carinho e simpatia do povo madrilenho: o ponto mais calorosamente aplaudido foi, sem dúvida, aquêle que marcou Fernando Peyroteo, e a descida do sr. Embaixador de Portugal ao terreno, no final do encontro, para cumprimentar os componentes de ambos os grupos, foi também alvo da mais significativa, quente e prolongada das orações.

Coroando a cumulação de desvanecedores testemunhos de simpatia e interesse recebidos pelos nossos desportistas durante a sua permanência na capital de Espanha, dignou-se o Ministro do Ar, general Vigón, manifestar o desejo de nos receber, para directamente agradecer a colaboração prestada em benefício do Patronato dos Orfãos da Aviación; mais sensibilizante ainda o interesse que o illustre militar mostrou, durante essas audiências, em que fomos acompanhados pelo tenente-coronel Goma, adido aeronáutico no nosso país e outro grande amigo de Portugal, em refe-

(Continua na página 10)

SPORTING no cume da Tabela

CHEGAMOS ao fim da 1.^a volta do campeonato de futebol de Lisboa. O título ainda não está decidido. Há margem para dúvidas. O Sporting, é certo, deu um grande passo para a conquista da taça lisboeta que, pelos vistos, gosta das cores verde-brancas, a tal ponto que bem se pode dizer que *este campeonato foi feito para o Sporting*.

Os leões levam agora dois pontos de vantagem sobre o Belenenses, relegando para o 3.^o lugar o Benfica, com três pontos a menos. Segue-se o Estoril Praia, com quatro pontos de diferença do primeiro classificado. Os outros, Atlético e Cuf, não contam para este problema do título. O que não traduz, como veremos adiante, falta de mérito para estarem na Divisão de Honra.

Do primeiro ao quarto posto, o rancho caminha muito unido, não havendo dúvida, porém, que o Sporting se encontre manifestamente em posição de privilégio. Ao fim da 1.^a volta conseguiu já uma vantagem tão acentuada que se nos afigura coisa de destacar. Todavia, o Sporting tem na sua frente duas saídas perigosas, uma contra o Belenenses e outra contra o Benfica, impondo-se que, pelo menos, numa delas faça boa figura. E além disso — que marque bolas. Também se poderá dar a hipótese dos *out-siders* se devorarem uns aos outros, e nesse caso o Sporting poderia já dormir descansado, colocando na frente a coroa de louros.

O mais curioso do caso é que o Belenenses, que no começo da época aparecia com sinais de perturbação na linha, surge no segundo lugar, portanto com possibilidades ligadas ao torneio. Pelo contrário, o Benfica, com esplêndidas exibições iniciais, parece ter comprometido irremediavelmente a sua situação. Eis a bola, nos seus movimentos rebeldes à submissão a qualquer lei.

A 5.^a jornada parece ter demonstrado que não é um conceito vão aquele que temos vindo a enunciar: *o manifesto equilíbrio das forças concorrentes*. Percorrendo-se o mapa das operações vêem-se números iguais: o Sporting vence o Benfica por 3-2; o Belenenses põe fora de combate a Cuf por 2-1; finalmente, o Estoril consegue o triunfo sobre o Atlético por 4-3. Entre o 2.^o classificado (Belenenses) e o sétimo (C. U. F.) não há diferença sensível. São os números que indicam esta conclusão, e não a nossa imaginação.

Parece-nos de excelente augúrio esta divisão equilibrada das forças concorrentes. É assim que os torneios se impõem. Sente-se que, jornada a jornada, a luta será mais penosa e o avanço feito à custa de grande desgaste. Significa também isto que tem absoluta aplicação a máxima de que *todos os jogos são difíceis*. É que são mesmo!

Vejam-se o resultado que a Cuf conseguiu nas Salésias. Quem havia de dizer? Note-se igualmente o que se passou em Santo Amaro. Certamente, o Atlético foi traído pelo pensamento de que, em sua casa, a vitória não lhe fugiria. Todas as cautelas são poucas.

Certo, o expoente terreno, jogar dentro ou fora de casa, desempenha grande importância, representando um facto a ter em conta, uma força com que os *teams* nunca devem deixar de contar. Mas no campeonato de Lisboa semelhante factor está reduzido ao mínimo da sua força. Do Campo Grande ao Lumiar vai um passo. Entre os dois Lumiar há só uma faixa de rua. É muito diferente qualquer *team* lisboeta jogar dentro de Lisboa, ou lá fora. A luz deste princípio deverá encerrar-se a tabela da classificação geral. Trata-se de um aspecto com seu que de importância.

A verdadeira surpresa da 5.^a jornada — pois assim não deverá considerar-se a vitória do Sporting — recaiu em Santo Amaro. Ter conseguido o Estoril Praia arrancar tão preciosos pontos, que o colocam em posição invejável relativamente às suas aspirações, afinal as aspirações de todos, a entrada no Campeonato Nacional, parece-nos um comportamento que se deverá exaltar. Entrar com o pé na Divisão de Honra do Campeonato de Lisboa e ficar logo com o outro no Campeonato Nacional representa uma honra clubista. Quere dizer, estamos em presença de um *team* com fundo, e certa possibilidade, e como os grupos fundamentalmente são expressões clubistas, estamos em presença de um clube.

Para o que se está a passar no Atlético é que se não encontra lá muita justificação. Parece-nos que o *team* tem condições suficientes para não perder, num repente, uma posição tão dificilmente conquistada. Já no princípio da época indicámos que havia alguma coisa a funcionar mal no *team* que, em boa verdade, por termos de desviar a atenção em muitas direcções, não pudémos devidamente observar. A conjugação de esforços não está a verificar-se como seria para desajar. Indiscutível. Enquanto é tempo — é ver o caso. Senão, mais um passo, e o resvalar consumir-se-á.

Com esta 5.^a jornada vê-se que os *teams*, no aspecto da sua forma definitiva, se consolidaram. Os preparadores tem já a sua opinião feita. Sabem com o que podem contar, tanto em titulares como em suplentes. O *esqueleto* encontra-se definitivamente construído, isto é, a estrutura geral. Agora trata-se, pelo tempo adiante, do retoque ou da forma definitiva alguns pontos. Não se verificavam, portanto, grandes novidades nas linhas apresentadas. A única digna de nota foi a aparição do popular jogador tratado pela *afición* por diminutivo de Julinho, e num posto diferente do seu, a extremo direito, em substituição de Manuel da Costa. Compostas as coisas com o seu clube — mais um valor volta a ter o nosso futebol. A fraca exibição do seu regresso não significa nada. Trata-se de um elemento que, no decorrer da época, se tem fatalmente de afirmar. Há qualquer coisa que separa o mau do bom. O que é diferente dos outros nunca deixa de triunfar. O futebol de Lisboa

Uma visão da 5.^a jornada num torneio equilibrado de forças

Crónica de TAVARES DA SILVA

segue, portanto, a sua rota pelo caminho cheio de espinhos do manifesto equilíbrio das forças concorrentes.

Principais aspectos da formidável luta do Lumiar

Como manifestação de propaganda do jogo, e no aspecto animação, não há desafios como o Sporting-Benfica, que inundam de gente o campo, atraindo o interesse até de pessoas que ordinariamente não frequentam os campos de bola. O desafio do passado domingo, no Lumiar, valeu entre outros atractivos como uma bela jornada de propaganda. E como decorreu num plano razoável de técnica, isto é, dando-nos, pelo menos, o relâmpago de jogo, e com extrema correção, não há dúvida que serviu esplendidamente o futebol.

Isto não significa que o *association* nos tivesse encantado no decurso de toda a hora e meia. Nada disso. Pode até dizer-se que toda a primeira parte decorreu sem graça, num jogo menos que sóbrio e frio que, como é óbvio, não conseguiu aquecer a assistência. Um jogo mais com a ideia da defesa do que do ataque; com o pensamento de destruir aquilo que o adversário procurava realizar e não de construir por sua conta e risco. Ora todo o *jogo de posição* tem necessariamente um complemento. A linha de ataque deverá estar articulada nesse método, e quando isso não acontece, o jogo resulta muito imperfeito, desligado, tóseco. Por vezes, salvam-no as qualidades dos jogadores. Mas quando isso não acontece, o panorama não agrada. Suponha-se dois *teams* que pratiquem um sistema de jogo idêntico, com a ideia reservada de se defenderem, apertando o mais possível as malhas da rede para não deixar passar ninguém, por consequência *ataques* cuidadosamente vigiados e sem encontrarem o processo de fuga a essa vigilância, e ter-se-á a noção do caso do Lumiar.

Quem nos espantou mais, neste período, foi o Benfica, que costuma ser cheio de vida e de alma entusiástica. Afinal, esteve durante todo o primeiro tempo verdadeiramente irreconhecível, sem palpar, entregue ao oportunismo das jogadas, não insistindo, desapegando-se dos lances. Já no Sporting, essa atitude é mais natural. Está mais em conformidade com o seu feito, com a compleição física do grupo e até com a sua maneira de ataque.

Foi de uma *oportunidade* aproveitada com olhos de lince e pernas de gamo de que nasceu a primeira bola sportinguista, realizada pelo avançado-centro leonino. Assim, perdeu-se muito tempo no meio do terreno, sem qualquer dos grupos ter encontrado a rota das redes, numa ausência quase total de jogada de perigo e emoção.

O aspecto da partida transformou-se por completo, após o intervalo. Bem se viu logo a disposição em que se encontravam os *teams*. Cumpria-lhes ir até às últimas consequências. Era o Benfica que estava a perder. Competia ao grupo encarnado que, conforme o seu hábito, não engeita as responsabilidades, ir ao ataque, de resto, método de jogo que lhe assenta como luva, devido à maleabilidade dos seus elementos da frente. Tal aconteceu. Numa bem elaborada colaboração, com papel de destaque para Xico Ferreira e Albino, a linha avançada começou a dar-se aos seus estranhos desenhos, com a energia de Teixeira, mas principalmente com a arte de Espírito Santo que, em matéria de *dribling*, desmarcação e passagem, nada tem que aprender seja com quem seja.

Nessa altura — o desafio ganhou a emoção que Pez falava, o qual culminou com a bola do empate, logo da cobrança. Pouco após, a resposta, os leões colocavam-se novamente em vencedores. Então, o espectáculo foi empolgante. A luta tenaz, de excelente futebol, entre a linha avançada do Benfica e a defesa do Sporting, com o auxílio dos médios, teve momentos de beleza, não sabendo nós que mais admirar, por vezes, se o preciosismo do êxito do ataque encarnado, se o toque na bola, científico e no momento oportuno, dessa defesa que se chama Cardoso e que está outra vez na plenitude da sua forma.

O Benfica, na sua clássica forma de energia, e de indolência, que pela colocação de Espírito Santo, a meio da linha avançada, não escolheu ciência do jogo, conseguiu, pela segunda vez, o empate. Não se limitando a segui-lo, insistindo ainda no ataque, e com tanto poder e vontade que a ideia da derrota sportinguista chegou a pairar no campo, alguns instantes mesmo em frente de Azevedo. Tivesse o bloco da defesa do Sporting fraquejado um pouco, fechando uma vez que fosse os olhos, e o Benfica nesta *sua face de levar tudo de vencido* teria conseguido o inevitável.

Deu-se, porém, o inverso. Como que contagiado pelo magnetismo benfiquense, o segredo da sua atracção das massas, o Sporting sacudiu os ombros fortemente, libertando-se da pressão adversária e organizando por sua vez a ofensiva da vitória. A troca de João Cruz, num lugar *puntal* como o de interior, com Albano, favoreceu esta fase de reacção que, no entanto, teve em Peyroteo o seu principal propulsor. E num lance de insistência, com a bola mais batendo nos pés dos jogadores do que jogada intencionalmente, o avançado centro do

Azevedo em acção para captar uma bola alta. Rogério, Espírito Santo, Canário, Barrosa e Telxeira intervêm na jogada

O grande jogo...
O SPORTING firmou-se no 1.º lugar
 A luta entre os grandes rivais foi presenciada pela maior assistência dos últimos tempos



Em cima: Ataque às redes do Sporting! Azevedo tira a bola da cabeça de Julinho, furando entre este e Espírito Santo, com a costumada audácia. Arsenio e Canário observam...



A direita: Martins arrebatou a bola a Gomes da Costa, numa arremetida deveras perigosa, já com Carvalho batido



Guardado pelos seus defesas, Martins segura em mergulho um remate de Albano

Em baixo: Gomes da Costa marca, com um esplêndido remate de cabeça, o 2.º goal do Sporting



Depois de fugir a Albano e Cesar, Peyroteo remata de cabeça, antes da intercepção de Carvalho. A sequência desta jogada proporcionou ao Sporting o goal da vitória

Breitling
 INSENSIVEL AS VARIACOES ATMOSFERICAS
 APROVADO PORTUGUESA
 ANTI-MAGNETICO
 RECOMENDADO PELOS DESPORTISTAS
 O melhor cronografo

A ÚLTIMA SESSÃO DE «BOXE» NO PARQUE MAYER

UM EXCELENTE PROGRAMA, UMA DECISÃO PÉSSIMA

e a atitude descortez de um jogador

Crónica de RAFAEL BARRADAS

GARCIA Álvarez, campeão de Espanha e pugilista que já havia mostrado seus méritos contra Beni Levi — batendo-se leal e cavalheirescamente — tocou na passada sexta-feira com difícil adversário, cujo método de combate não soube neutralizar.

Desde o primeiro momento, Larzen mostrou-se bem guardado, seguro de si, desconfiado e pronto a servir-se de todos os meios ao seu alcance para reduzir o trabalho do antagonista, enquanto que o espanhol, enervado pela incrível decisão do combate anterior, que prejudicara Llacer, principiou a esgrimir hesitante.

O primeiro assalto, de estudo, coube a Garcia Álvarez — conforme a nossa pontuação de 20/18 — mais pela manobra e pela insistência na luta que pela quantidade dos golpes aplicados. Observou-se, também, que o moçambicano procurava manter o competidor a distância, com *jabs* da esquerda, servindo-se da sua grande envergadura, e ainda que por duas vezes quis atingir-lo com a série «um-dois». No assalto imediato, Alvarez aplicou alguns directos em «contra», mas a guarda cerrada de Larzen e o punho esquerdo, ameaçante, estorvaram-lhe as tentativas. De repente, fingindo com a direita ao tronco e entrando com a esquerda ao queixo, atingiu-o com poder e derrubou-o. Larzen levantou-se acto contínuo do solo, rompeu o contacto pedalhando para trás — e o assalto findou com vantagem para o espanhol: 20-15.

No 3.º round, Larzen mudou de tática, iniciando a execução do seu método favorito de jogo, irregular, e desde logo surgiram as causas determinantes dos lamentáveis sucessos que, no 6.º assalto, iriam pôr termo à luta. O português procura combater em corpo-a-corpo, onde agarra com uma das mãos e soca com a outra, ora com a palma e a orelha da luva, ora com o ante-braço (irregularidades que muita gente de prosápia não sabe ou não quer ver, mas que não passam despercebidas...), baralha o jogo e turva-o para impôr a sua maneira, repetindo em nova edição o que fizera no segundo combate com Augusto de Sousa.

A pontuação pertenceu ainda a Alvarez, por escassa margem, 20-18, mas a impressão de muitos espectadores foi a contrária, devido à confusão do combate.

O quarto assalto foi a repetição do precedente, agravada com a circunstância de Larzen, à voz de *break*, manter a prisão e não se separar, alcançando o antagonista com golpes, mesmo depois d'este haver aberto os braços, como prova de obediência à ordem do árbitro. Estranhámos que José de Araújo — bom observador e pronto a fazer cumprir as leis — não tivesse avisado publicamente Larzen nem o levasse a combater com franca lealdade, tanto mais que a concessão de tais irregularidades podia influir na boa conduta do espanhol, como aliás se viu.

O assalto terminou com a pontuação 30-18 a favor de Alvarez.

No 5.º é flagrante o enervamento e o mal-estar d'este pugilista, a quem não têm passado despercebidos os processos negativos de lutar do antagonista e a falta de repressão dos mesmos. Em dado momento, vimo-lo empregar o cotovelo e o ante-braço e, depois, segurar e bater duro ao tronco. Os poucos golpes limpos foram, porém, do seu activo e o round findou com a pontuação de 20-19 a favor de Larzen.

Adicionando neste momento a pontuação dos dois pugilistas encontram-se: 100 pontos a favor de G. Alvarez e 88 a crédito de Larzen. O boletim do árbitro menciona, respectiva-

mente, 96 e 86, havendo por conseguinte entre a nossa pontuação e a do juiz uma flagrante concordância, sobretudo se tomarmos em consideração que não penalizamos Larzen pelas suas irregularidades...

Serve isto para demonstrar que a vantagem do jogador espanhol, embora não muito grande, era suficiente para obter a vitória, se acaso se mantivessem as coisas no mesmo pé até final. Só se compreendem os sucessos subsequentes, tais como o de agredir o árbitro e o de propinar Larzen com cabeçadas, aceitando a perda momentânea de auto-domínio provocada pelo sistema de lutar do antagonista e pela atitude benevolente do mesmo árbitro para com esse sistema. Assim, pouco depois de retomar as hostilidades, o português e o espanhol passavam a usar de métodos irregulares e Alvarez lançou a cabeça sobre a de Larzen, abrindo uma ferida em si próprio. Aquele tombou na lona e o árbitro concedeu-lhe a vitória por falta voluntária do adversário, que foi desclassificado.

O que em seguida aconteceu, em particular a atitude ofensiva de Alvarez, procurando agredir o árbitro, foi deveras lamentável e só porque reconhecemos ao campeão de Espanha fortes motivos que justifiquem o seu enfurecimento é que julgamos o assunto liquidado. De contrário, ter-se-ia de ir mais longe, até à Federação Espanhola, para punir exemplarmente o delinquento.

No «match» anterior, António de Figueiredo combateu com muito brilho e desembaraço o pugilista Llacer, recente vencedor de Augusto de Sousa, fazendo bastante melhor figura que este último, apesar do excelente comportamento a que então nos referimos.

Figueiredo, embora lento, fez um bom combate, empatando o 2.º e 4.º assaltos e ganhando o 5.º e 6.º por fraca margem. O 3.º assalto, em que é tocado baixo, pertenceu todavia ao espanhol, que obtivera margem larga (20, menos 5 de penalização, a 14 de Figueiredo).

Desportistas portugueses em Madrid

(Continuação da página 6)

rência aos objectivos da nossa missão e a forma como haviam decorrido os delegações e conferências relativas, prometendo completo acordo de intercâmbio em todos os desportos dependentes do seu Ministério.

Verifica-se assim que, a margem do encontro disputado no Estádio Metropolitano, rejuvenescido e amplificado pelos esforços do importante clube seu actual proprietário, se passaram em Madrid, e a volta daquella feliz acontecimento, factos da maior importância para a actividade futura do desporto nacional e para a legítima compreensão, sob mais de um aspecto, das íntimas finalidades que aproximam, em franca compreensão, os dois povos peninsulares.

A vontade de colaborar é mútua e expressiva, manifestando-se em todos os pormenores. Um exemplo: o dr. Virgílio Paula, a quem acompanhámos por interesse pessoal, foi visitar, juntamente com os dirigentes da Federação Espanhola, os magníficos instalações desportivas da Cidade Universitária, onde Javier Barroso desempenha funções profissionais de chefia, como arquitecto. Ao secretário da Federação Portuguesa foram prestados todos os esclarecimentos referentes aos sistemas empregados em Espanha relativamente à drenagem e arrefecimento dos campos e o engenheiro especializado Escartin (não confundir com o popular árbitro, que nem sequer é seu parente) levou a sua gentileza ao ponto de oferecer ao dr. Paula amostras das várias misturas de sementes de ervas já experimentadas com êxito nos campos espanhóis, para serem ensaiadas em Lisboa pelos clubes que estão em projecto de próximo arrefecimento do seu terreno de jogo e estadia qual a que melhor se adapta a qualidade do solo em cada local.

Poucas horas depois da entrevista, ao regressarmos ao hotel, encontramos já um enorme pacote com bastantes quilos das prometidas amostras.

O êxito absoluto da memorável jornada foi apenas

No primeiro, último e 7.º verificou-se o domínio largo de Llacer, em particular no 7.º, depois de tocar duramente no estomago e na cabeça do português. A decisão do árbitro a favor de Figueiredo levantou ruidosos e justos protestos, visto que o seu adversário saiu da contenda indiscutível vencedor. O mais triste do caso, e que se depreende da análise do boletim do árbitro, é que na realidade a decisão que o mesmo deveria pronunciar seria o empate, pois Figueiredo totalizou 158 pontos e Llacer 154, e sendo o combate em 8 assaltos a bitola a empregar (4 pontos) indicava insofismavelmente a decisão. Devemos dizer que anotámos pessoalmente a Llacer 156 pontos (menos 5 de penalização por golpes baixos) e 142 a Figueiredo, pelo que a vitória do espanhol não admitia dúvidas, pois a diferença de pontos (9) era superior à margem permissível para o empate (4).

Nos restantes combates da noite, Augusto de Sousa, depois de excelente batalha, bateu Messguer — que se defendeu com apuro e desfez por completo a impressão que nos havia causado. É claro que Messguer foi muito castigado por Sousa, mas não foi o que se diz esmagado.

Em preliminares, Zulmiro venceu Teixeira por pontos e Rebordão dominou Jack Freitas, sempre indeciso e pobre de conhecimentos, mas senhor de golpe duro e disposto à batalha.

As arbitragens estiveram a cargo de José Santos, Alnizio Falcão, Machado Júnior, Rodolfo Pereira e José de Araújo. Exceptuando a decisão de Rodolfo Pereira e a condescendência de Araújo para com Larzen e os seus métodos, não podemos deixar de as considerar bastante boas e criteriosas.

Vimos impresso em letra redonda que a má organização do programa, a constituição dos combates, fôra a origem dos factos e acontecimentos lamentáveis registados no Parque Mayer. Têm entre si tanta relação como um ovo e um espêto.

Que o combate Llacer — Figueiredo tinha a sua justificação, provaram-nos os factos. Figueiredo, conquanto batido, foi um ótimo adversário e conquistou posição proeminente. Que Larzen seria um opositor tenaz e difícil, também os acontecimentos o demonstraram. Só a péssima decisão de Rodolfo Pereira e o acesso de nervos de Alvarez provocaram os protestos do público. Mas disso, que culpa pode ter a empresa ou quem quer que seja, além dos próprios autores?

Certas considerações insensatas e fóra de propósito não deviam ter cabimento, porque desorientam a opinião pública e não correspondem à verdade.

atraindo pelas condições atmosféricas; tivemos em Madrid sol esplendoroso e suave temperatura outonal, que sempre se mantiveram — excepto na manhã de quinta-feira, que se apresentou carrancuda, transformando-se a hora do jogo em tarde borracosa. Choveu abundantemente e trovejou até quasi ao intervalo, afastando assim grande quantidade de proceres espectadores das bancadas e locais de espectadores. A receita amalhada para o Orfanato foi de 172.000 pesetas, abolidas em absoluto as entradas de favor; todos os associados do clube e os próprios dirigentes pagaram a sua entrada.

O preço mínimo, do peão, era de 10 pesetas e quem quisesse ocupar um lugar sentado, nos camarotes centrais pagava, da mesma forma, de direito da entrada e mais 30 pelo assento: total 40 pesetas! Compreende-se facilmente, assim, por que razão este público exigente para com os seus grupos em matéria de bom futebol e de entusiasmo e apêgo dos seus intérpretes: paga aro, quer ver espectáculo condigno.

A impressão geral colhida quanto ao desenvolvimento do desporto espanhol é francamente favorável; a acção, já suficientemente longa para começar a ser eficaz, da orientação e fiscalização da «Delegación Nacional de Deportes», exerce em todos os campos uma influência apreciada. Todos vivem contentes e em perfeita comunhão de esforços.

Um dos principais factos d'este bem estar, porém, parecemos, da forma adoptada para a constituição das jearquias (nomeadas de cima para baixo) e que acabou de vez com as polémicas clubistas e as polémicas despretensiosas das assembleias gerais. Em Espanha, como é sabido, o organismo superior nomeia por sua escolha os conselhos dirigentes federativos naci mais e estes, por sua vez, escolhem e propõem à sanção superior os conselhos federativos regionais, que correspondem às nossas associações.

Este sistema, adoptado há bastantes anos, funciona com geral agrado e ninguém se queixa de direitos perdidos, porque todos sentem o melhor espírito de isenção, equidade e interesse colectivo no labor dos organismos superiores, subordinado a uma única directiva — que é a convergência da ideia desportiva ao serviço do povo e da nação.

SALAZAR CARREIRA

OUBE ao sr. Francisco Morais falar á «Stádium» acerca do que foi a última época de futebol, para o Luso Sporting Clube. O nosso entrevistado é uma figura de relêvo, no antigo clube bejense. É o actual director-secretário. Mas tem desempenhado o mesmo lugar em direcções anteriores. É elemento de grande actividade e de notável dedicação clubista. Conhece perfeitamente a vida do clube — e conhece também todo o desporto local, por isso que foi já secretário-adjunto da Associação de Futebol de Beja. Frontalmente se dispôs o sr. Francisco Morais a atender-nos.

Acerca de como a última época se apresentou, de principio, á direcção do clube, disse:

— Se atendermos ás dificuldades que tivemos de vencer, quer de ordem administrativa, quer de ordem desportiva, podemos considerá-la boa, no conjunto de todos os resultados. Como exemplo destas dificuldades posso dizer — acrescentou — que, durante toda a época, não se conseguiu apresentar, duas vezes sequer, a mesma equipa, por motivos da vida particular dos jogadores, reflectindo-se esta instabilidade no valor global do grupo.

«Não se podia esperar por isso que o clube fôsse muito longe, em resultados. E a verdade, agradável para nós, é que o Luso se comportou com galhardia e brilho, chegando a meio-finalista do campeonato nacional da II Divisão. E houve luta de certo modo apertada nos campeonatos e torneios regionais, como consequência da subida de forma do

A última época foi para o Luso de inolvidáveis recordações

no que se refere ao desporto

disse o sr. Francisco Morais, secretário da direcção do clube

União e da boa cooperação do Moura Atlético Clube, o qual se mostrou adversário de valor.

«O Luso considera mesmo esta época de inolvidáveis recordações, no que se refere a desporto, tanto pelos resultados obtidos, como pelas gentilezas e deferências recebidas. Houve coisas que não esquecem facilmente. Ganhámos prestigio e julgo que conquistámos boas amizades.

O sr. Francisco Morais continuou, depois de uma breve pausa:

— Devo até aproveitar a oportunidade para alguns agradecimentos. Ao Sport Lisboa e Benfica, e á sua direcção, a maneira altamente desportiva como recebeu o Luso na sua deslocação a Lisboa, para a «Taça de Portugal», e as palavras elogiosas com que se referiu ao nosso clube, no jantar de confraternização que nos ofereceu. Ao Grupo

Desportivo Estoril Praia, e á sua direcção, pela recepção amável e cativante que nos foi dispensada no Estoril, quando o Luso ali jogou, para o Campeonato Nacional da II Divisão. E aos desportistas das Caldas da Rainha, pelas atenções que dispensaram ao Luso, na sua ida á linda cidade estremenha, para jogar contra um grupo misto do Caldas Sport Clube e do Juventude Sport Clube.

«Fêz-se, pois, boa propaganda do Luso — e do Alentejo — in-sistiu.

Quanto a perspectivas para a começada agora, disse-nos o sr. Francisco Morais:

— O Luso vai procurar manter a posição de relêvo que corresponde ao seu passado, tentando manter também o período brilhante da última temporada. Contamos, porém, com o valor dos nossos adversários, em Beja e no distrito, onde há clubes e equipas de real merecimento.

«Gostariamos de poder contribuir para que o nosso distrito, como outros dos distritos continentais, desse um representante para o Campeonato de Portugal da I Divisão. A comparticipação do Baixo-Alentejo na grande prova nacional fazia de certo movimentar o desporto local. Sair-se-ia da apatia em que nos encontramos. E estou convencido de que não fazíamos má figura.

«O único problema que havia em estudo, para solução tanto quanto possível imediata, era o da organização de um curso de ginástica. Felizmente para o Luso, está resolvido, em definitivo, com a colaboração do conhecido monitor de Educação Física, sr. João António Rosa, que se prestou gentilmente a dirigir o referido curso. Devemos inaugurar-lo por todo o mês corrente.

«Resolvemos também o problema da assistência médica aos atletas, com a nomeação do sr. dr. Arlindo Rodrigues do Freixo. A sua cooperação é tão valiosa para o Luso que é nosso dever agradecer-lá publicamente.

A fechar a entrevista, ficam bem estas palavras do sr. Francisco Morais:

— É dever de gratidão e justiça manifestar todo o reconhecimento do Luso ao Ex.^{mo} sr. dr. Manuel de Magalhães Pessoa, Governador Civil do nosso distrito, dr. Leonel Pedro Banha da Silva, presidente da Câmara Municipal de Beja, e dr. André Bravo, presidente da Junta da Província do Baixo-Alentejo, pelas facilidades que todos eles têm dispensado á Causa Desportiva em Beja, não nos esquecendo de que é por iniciativa do dr. Banha da Silva, bem auxiliado pelo dr. Magalhães Pessoa, que o Estádio Municipal, velha aspiração dos clubes e desportistas todos, vai em breve ser uma realidade. Para todos, vão os nossos melhores agradecimentos.

«O Estádio Municipal é uma necessidade em Beja. Mas a sua solução está entregue em boas mãos.»



Francisco Morais

A vida do LUSO SPORTING CLUBE

(Conclusão da pág. anterior)

Luso foi infeliz com o sorteio. Tendo de deffrontar o Benfica, perdeu ambos os jogos, fazendo 0-4 e 1-4. Não pôde ir mais longe, não obstante a última época ser regularmente brilhante para o Luso.

Pelo Luso têm passado jogadores de valor, e nêle findaram carreira alguns que se distinguiram em clubes de Lisboa e de outros pontos do país. A sua figura mais representativa tem sido Alfredo Valadas Mendes, que marcou posição de destaque no Sporting Clube de Portugal, e depois, até agora, no Sport Lisboa e Benfica, sendo algumas vezes capitão da primeira categoria do popular clube lisbonense. Alfredo Valadas chegou a alinhar pela «selecção nacional». O conhecido jogador bejense foi homenageado este ano, na sede do Luso, por ocasião da visita do Sport Lisboa e Benfica, em jogo para a «Taça de Portugal».

UMA ÉPOCA DE MAUS AUSPÍCIOS QUE VEIO A TERMINAR COM BRILHO

O principio da última temporada apanhou o Luso em período de crise. A gerência anterior havia orientado mal os destinos da colectividade. As finanças estavam numa situação precária. E o abandono era confrangedor. A nova direcção teve de encerrar a sua acção com certos rigores de economia e disciplina. Resolveu por isso cortar alguns subsídios a jogadores, reduzir outros encargos e não criar dificuldades á saída de vários elementos. A época parecia, pois, que deveria ser pouco feliz. Mas era preciso cortar a direito...

Com esta crise coincidiu a melhoria na representação do União, em futebol. Houve uma derrota que foi o toque de reunir... Criou-se grande rivalidade á custa do equilíbrio de valores entre o Luso e o União. Voltou o público ao campo de futebol. Com o retorno do público, reapareceu o entusiasmo. E o campeonato, que parecia continuar a série dos torneios sem interesse, foi o mais animado dos últimos anos.

O Luso teve, no entanto, pouca sorte, no que respeita á organização de jogos particulares. No dia em que recebia o Lusitano

de Évora, choveu torrencialmente á hora do desafio. Não houve público e o jogo não passou de uma primeira parte disputada de-baixo de água.

NOUTROS DESPORTOS

O Luso Sporting Clube é filiado na Associação de Futebol de Beja, Federação Portuguesa de Ciclismo e na Federação Portuguesa de Tiro. O ciclismo teve já um certo desenvolvimento no distrito de Beja, especialmente no ano da fundação do Velo Clube «Os Leões», de Ferreira do Alentejo, villa que confina com o concelho de Beja. Um corredor de Beja chegou mesmo a fazer-se notar em Lisboa e na «Volta a Portugal» — António Bernardo.

De momento, a actividade dos desportos, em Beja, limita-se, a bem dizer, ao futebol. No Luso, pratica-se, entretanto, ginástica, «ténis» de mesa, «basketball» e há uma equipa de tiro. O tiro aos pratos é praticado por vezes em torneio dentro da região. O Luso já teve equipas de atletismo e ciclismo.

O LUSO E OS OUTROS CLUBES

O Luso Sporting Clube tem sabido manter boas relações, com os demais clubes bejenses, em toda a sua existência. E esta camaradagem tem-se firmado especialmente com a cedência do «Estádio Condessa de Avilez», a todos os outros clubes.

Recordando agremiações que já desapareceram, e outras por enquanto afastadas do futebol, podemos dizer que o Luso tem cedido gratuitamente o seu campo de jogos, com as respectivas dependências, para desafios e treinos, aos seguintes clubes: Desportif, Pax-Júlia, União e Botafogo. Tem-no cedido obsequiosamente ao Centro Extra-Escolar da «Mocidade Portuguesa» — e já o cedeu ao União, para disputar o Campeonato Nacional da II Divisão, num ano em que o União contribuiu para afastar o Luso daquela competição (1930-31).

Em Beja, há só o campo do Luso. Este esclarecimento basta para realçar o valor da cedência gratuita do estádio «Condessa de Avilez», pelo Luso, aos seus adversários desportivos, como prova de boa camaradagem.

Mário de Oliveira

○ Luso Sporting Clube tem a sua fundação referida a 16 de Junho de 1916. Conta pois 28 anos de existência. É o clube desportivo mais antigo no Baixo Alentejo.

A introdução do futebol em Beja data de um ano antes — 1915. Estava-se no princípio, quanto ao popular desporto, naquele ano. Os clubes que apareciam tinham pequenas condições de vida. Entre os primeiros que surgiram, para a prática do futebol, distinguem-se o «Águia Futebol Clube», visto reunir melhores condições de vida. Houve uma dissidência e a terceira categoria do Águia saiu, completa, para fundar o «Onze Futebol Clube».

Limitava-se, no começo, aos jogadores, para justificação do título. Em 1916, a dissidência tinha mais sócios. Em certa altura, quando o «Onze» se tinha multiplicado, desenvolvendo-se, resolveu-se dar ao grupo designação mais adequada — Luso Sporting Clube.

A fundação do Luso veio de 1916, oficialmente. Mas a verdade é que se poderia considerar também fundado um ano antes, com o título modesto de «Onze Futebol Clube».

O Luso consolidou rapidamente a sua existência. Dentro de pouco tempo, era o primeiro clube desportivo, na cidade. O número de sócios aumentou quasi sempre, embora a pouco e pouco. De sede em sede, utilizando um ou outro terreno para desafios, com um ou outro período de crise, sofrendo por vezes concorrência apertada de outros clubes da Pax-Júlia, o luso lá tem singrado em mais de um quarto de século, com duas aspirações absolutamente legítimas — arranjar um campo próprio e conseguir uma sede capaz de constituir o lar social do clube, onde se reúne a massa associativa do Luso.

Fixou-se, entretanto, a cor do seu equipamento — camisola encarnada e calção azul. Sobre a camisola, no lado esquerdo, um emblema constituído pelo entrelaçamento das letras que formam a abreviatura do clube — L. S. C.

Esta equipa popularizou-se na cidade e no seu distrito, em todo o Alentejo e até em parte do país.

O ESTÁDIO CONDESSA DE AVILEZ

A sua aspiração de um campo privativo realizou-se em 1931, com a assistência do dr. Augusto da Fonseca Júnior, que era então governador civil do distrito de Beja. O dr. Augusto da Fonseca, actual presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica, e o sr. Jorge Ribeiro de Sousa serviram de padrinhos, na cerimónia de inauguração, em 1 de Fevereiro do citado ano.

A construção do campo tornou-se possível mercê de uma dádiva da Sr.^a Condesa de Avilez. As obras de terraplanagem e a vedação foram feitas a expensas da direcção do Luso, com o auxilio de vários sócios, alguns dos quais chegaram a trabalhar de enxada, quando o dinheiro faltava. A cooperação dos sócios facilitou a execução das obras. A gratidão do clube pela doação do terreno, por parte da Sr.^a Condesa de Avilez, justifica o título dado ao campo de jogos, na dia da inauguração.

O campo do Luso limita-se, na prática, ao futebol. Tem, no entanto, uma pequena bancada, com alguns camarotes. E tem cabines para vestiário e chuveiros.

Fica muito perto da cidade, no lado Sul, para onde a mesma está alargando a sua zona de urbanização. Está por isso condenado a desaparecer. Esse é um dos grandes problemas — para toda a cidade de Beja.

A SEDE SOCIAL DO LUSO

Há, em Beja, dentro do Luso, o convencimento de que a sua sede é uma das melhores, entre os clubes da provincia. Quando a actual sede se inaugurou, em 1922, na rua do Sembrano, talvez fôsse assim. Mas enquanto o Luso estabilizou, no edificio em

O LUSO SPORTING CLUBE DE BEJA

O CLUBE ALENTEJANO MAIS EM EVIDENCIA NO FUTEBOL

que se encontra instalado, há clubes da provincia que têm sedes esplêndidas, amplas, modernas, com dependências variadíssimas. A sede do Luso é, no entanto, ampla.

Em 1927 recebeu o Luso, na sua sede, os dirigentes e corredores da I Volta a Portugal em bicicleta, oferecendo-lhes um jantar de homenagem.

A sede do Luso Sporting de Beja compõe-se de um salão nobre, salas de jogos, de leitura, bufete, gabinete da direcção, terraço vasto e outras dependências adaptáveis a vários fins. No gabinete da direcção encontra-se a vitrine das taças e outros prémios, em elevado número. Há também galhardetes e diplomas.

Nas paredes das salas de maior frequência estão fixados retratos de antigos directores e atletas do clube.

O Luso tem-se dedicado especialmente ao futebol, mas tem prémios ganhos noutros desportos. É valiosa e bonita, a sua colecção de trofeus.

Entre os jogos em que os sócios do Luso se podem entreter figuram o bilhar, o «ténis» de mesa e a laranjinha, e diversos jogos de carteados.

Na sede há, ainda, um belo aparelho de T. S. F. — para os sócios que gostam de música e para a recepção de noticias sobre a actividade desportiva na capital, aos domingos.

O Luso não tem descurado a parte recreativa da sua função social. São por isso frequentes as festas, na sede. E os sócios constituem como que uma familia, em que o motivo da sua união é o entusiasmo pelo desporto.

DOIS NOMES DE RELÊVO NO CLUBE

Os clubes do provincia vivem bastante do espirito de dedicação de muitos sócios e do sacrificio de alguns. No Luso, a figura de sacrificio, ao mesmo tempo de grande relêvo, tem sido o sr. Raúl Guerreiro Lampreia, abastado proprietário na Salvada, veador na actual C'mara Municipal de Beja, antigo director da Federação Portuguesa de Futebol e presidente da Associação de Futebol de Beja, cuja direcção deixou, voluntariamente, na época transacta.

Acêrca do que tem sido o sr. Raúl Guerreiro Lampreia, que ao clube tem dispensado larga assistência financeira, lia-se, há pouco tempo, num jornal comemorativo do último aniversário do Luso Sporting Clube: «Espírito inquieto e empreendedor, generoso e moço, que o cansaço e o desânimo não ensonbram. Grande animador das mais elevadas e difíceis iniciativas, ao Luso tem dedicado desvelos paternais. Deve-se-lhe, já, uma obra inesquecível». O sr. Raúl Lampreia está sempre ao dispor do Luso, para tudo que precise de financiamento, como para resolver qualquer dificuldade de momento. Quando, por exemplo, é necessário um trofeu para determinado jogo, o sr. Raúl Lam-

preia nunca se escusa à cooperação. Ainda na última temporada procedeu assim, para se tirar proveito do interesse despertado, no público local, pelo equilibrio de forças entre as duas melhores agremiações desportivas de Beja — Luso e União.

Uma outra figura de prestigio dentro do Luso é o sr. Vicente Crujo de Oliveira. É dos sócios mais antigos. Vem dos dias incertos e difíceis da fundação. Tem sido o mais directo colaborador de Raúl Guerreiro Lampreia, na obra de renovação e engrandecimento do clube. E tem valido ao Luso em alguns momentos de crise, nunca faltando, nesses períodos tormentosos, nem com o seu concurso, nem com os seus conselhos e estímulo.

O HISTORIAL DO CLUBE EM FUTEBOL

A situação do desporto em Beja não tem facilitado a acção do Luso. Dentro da cidade pouco mais se tem feito do que futebol. Neste desporto, a supremacia do Luso vem dos primeiros tempos e tem algumas vezes sido demasiada, tirando interesse e entusiasmo aos jogos disputados, por falta de dúvida sobre o resultado dos desafios.

A Associação de Futebol de Beja foi fundada em 1925, começando os respectivos campeonatos distritais na época de 1925-26. De 1922 a 1924, disputou-se, com regularidade, uma taça oferecida pela Câmara Municipal, cabendo a vitória ao Luso, nos três anos. Em 1923-25, organizou-se um torneio para apuramento do representante do distrito de Beja no campeonato de Portugal, sendo apurado o Luso. E tem sido sempre o representante de Beja no campeonato nacional, com excepção das épocas de 1930-31 (União) e 1940-41 (S. Domingos).

Desde 1922, o Luso tem mantido o titulo, oficial ou particular, de campeão distrital em futebol, perdendo-o apenas em 1930-31, a favor do União, com um resultado que não passou de episódico, para os outros clubes bejenses. De 1926-27 a 1928-29 não se disputou o campeonato regional.

Vem de 1925-26 a luta do Luso pelo titulo de campeão do Alentejo, que tem conservado quasi sempre, em geral ganho contra os clubes de Évora. Na citada época de 1925-26, o Luso, dentro do campeonato de Portugal, defrontou o Estrêla, de Portalegre, batendo-o por 2-0. Perdeu, de seguida com o Olanense, por 0-5, não continuando portanto na prova.

Em 1936-37, 1941-42 e na última temporada, coube ao Luso ser o representante do Sul do país na «poule» das zonas, para a série final do Campeonato de Portugal da II Divisão. Em 1943-44, ganhando ao Sporting Clube Farense, por 1-0, chegou o Luso à meia-final, perdendo, porém, com o Estoril Praia. Em 1936-37 e 1941-42 chegou também às meias-finais. Na «Taça de Portugal», o

(Continua na pág. seguinte)

ATLETISMO

A actividade dos clubes durante a época

CONTINUANDO os nossos comentários sobre o movimento atlético dos nortenhos na época que está praticamente terminada, falaremos hoje da actividade dos clubes e do interesse, mais ou menos exuberante, que cada um deles mostrou em servir a modalidade.

Sabe-se que o atletismo, como qualquer outro desporto, só poderá progredir desde que as agremiações que cultivam se disponham a garantir aos seus praticantes os meios capazes de permitir-lhes o cuidado e persistente treino, sob a rigorosa fiscalização médica. Isto é; o atletismo precisa que os clubes mantenham as respectivas secções — não que as imprimem dias antes dos torneios oficiais... Infelizmente, porém, nem todos têm pensado assim — e casos houve que mereciam censura, sob este aspecto. O que é preciso, pois, é que todos os clubes, absolutamente todos, se disponham a cuidar das suas secções atléticas, dando-lhes o mesmo interesse e a mesma atenção que dispensam a outras modalidades. Procedendo assim, não só a igualdade dos que o praticam subirá de valor, como sobretudo o «número» daqueles aumentará.

Esta época, pode dizer-se que só uma agremiação trabalhou metódicamente em favor do atletismo — trabalho que se entende pela orientação a que atrás nos referimos. Foi o F. C. do Pôrto.

A orientação dada ao período de treino, as facilidades concedidas a todas as reuniões de propagação da modalidade, os sucessivos torneios entre-escolas, as constantes sessões de ginástica especializada e a agradável presença em todos os torneios oficiais e particulares, constituíram, no seu todo, prova insofismável do interesse especial que o atletismo está a merecer aos dirigentes do F. C. do Pôrto — interesse a que tem correspondido orientação técnica digna de aplausos.

O que sucedeu no clube azul-branco não teve segura imitação nas restantes colectividades, as quais, em especial na preparação de gente nova, pouco produziram. Oxalá, porém, o exemplo desta época sirva de lição...

Depois do F. C. do Pôrto, foi o Académico o clube nortenho que esteve em maior evidência. Mas este realce só apareceu por altura dos campeonatos de «seniores», e quando, portanto, era fácil empregar o «material» de outras épocas. Até aos estreantes, principiantes e juniores, a equipa dos académicos esteve longe de ter cumprido a sua missão. Ora se este facto poderia deixar de ter influência de maior no progresso do atletismo portuense tratando-se de outro clube, com o Académico já não sucedeu assim, dadas as suas responsabilidades e as suas tradições na história do desporto em questão.

Se o Académico houvesse desenvolvido trabalho igual ou superior ao do F. C. do Pôrto, o progresso da modalidade tornar-se-ia ainda mais evidente e haveria hoje melhores motivos para desajustado.

Mas como ainda não é tarde, esperamos que na próxima época os dirigentes se resolvam a comparecer em boa forma e a aproveitar a magnífica pista que possuem — precisamente um elemento de trabalho valioso, que falta aos restantes clubes, os quais nem por esse facto deixam esmorecer a sua actividade.

Quando ao Salgueiros, é de lamentar que o seu orientador técnico habitual se tivesse afastado, esta época, por motivos de ordem particular, pois a colectividade referida possui ambiente de popularidade excepcional e ainda um «lote» apreciável de jovens promessas, que muito longe de dar o seu máximo. Os «encarregados» do Norte, desde que trabalhem com tempo e se interessem, têm todas as possibilidades de conseguir uma excelente equipa. E o atletismo portuense só teria a lacra deste tipo!

Por esta época, os brônchos salgueiros merecem aplausos pela maneira desativa como se apresentaram nas competições.

Nos restantes clubes só há motivos para censura. O Vigorosa, por exemplo, onde abundam jovens desportistas, esteve limitado à presença de João Montalvão — e este trabalhou ainda sem orientação técnica... Oxalá que os dinâmicos dirigentes do clube das Canadas se interessem na próxima época, pela modalidade.

Fechemos por hoje estes ligeiros comentários manifestando um desejo: o de ver, em 1945, todos os clubes portuenses vivamente interessados na prática do atletismo. Assim seja...

EDUARDO SOARES

Stadium na Capital do Noite

A notícia das novas organizações da «STADIUM» em prol do desporto nortenho causou o maior entusiasmo

SÃO diversas desvanecedoras as palavras de aplauso e carinho que até nós têm chegado desde que no último número anunciamos uma nova «série» de organizações em favor do desporto portuense. E de tal forma esse aplauso é cativante que nos sentimos no dever de dar às referidas organizações um ambiente excepcional, cuidando-as nos seus múltiplos pormenores.

Por tudo — interesse do público, dos clubes e dos praticantes, que se apressaram a manifestar-lhe, pessoalmente ou escrevendo-nos — estas novas iniciativas de Stadium vão contribuir poderosamente para a propagação de duas salutares modalidades, que na nossa cidade ainda não conseguiram a expansão desejada, mas que caminham em ritmo de franco progresso. E para que este se consiga mais eficiente e rapidamente, as organizações de Stadium devem contribuir em grande parte.

Temos já garantido a inscrição do F. C. do Pôrto, que foi o primeiro clube a inscrever-se e a aplaudir os nossos propósitos, e que se fará representar tanto nas provas de atletismo como nas de volleyball.

Também as Associações de Atletismo e de volleyball nos procuraram para gerir, uma vez mais, o seu auxilio e o seu patrocinio.

Como já anunciamos, o programa das nossas organizações é, nas suas linhas gerais, o seguinte: primeiro domingo de Janeiro, uma prova de corrida-matão; durante o mesmo mês de Janeiro, torneio de volleyball; primeiro domingo de Maio, torneio de atletismo puro para «estrangeiros». Todas estas competições serão reservadas a clubes e atletas filiados nas respectivas associações regionais.

Estudamos agora os regulamentos indispensáveis, que serão brevemente publicados nestas colunas.

Contudo, já hoje podemos garantir que será disputada uma Taça em cada colectividade, bem como serão atribuídas medalhas aos melhores classificados, individual e colectivamente. As inscrições serão absolutamente gratuitas e o público terá entrada livre.

Em síntese: jornadas de absoluta propagação!

OS ATLETAS PORTUENSES VÃO DISPUTAR O DECATLO

A pedido de João Montalvão Fernandes, o conhecido e valeroso campeão do salto à vara do Vigorosa, a A. P. A. vai levar a efeito, nos dias 22 e 29 do corrente, na pista de Lima, a competição do Decatlo, que devem concorrer os melhores atletas.

Pode dizer-se que a época do atletismo portuense vai fechar com autentica «chave de ouro», depois de dois meses de jornadas de exuberante brilhantismo. Estão de parabéns os dedicados dirigentes da A. P. A.

Sob o aspecto desportivo, a luta deve agradar em absoluto, tanto mais que Montalvão vai tentar apoderar-se do respectivo «título» regional, que já lhe pertenceu, e que Edgar Tamegão foi brilhantemente lhe arrebatou, na semana passada, em Lisboa.

A reabertura dos cursos de ginástica do Sport C. do Pôrto

O acontecimento foge da banalidade, entra mesmo no campo do sensacionalismo, porque estes cursos que o Sport Clube do Pôrto fez reabrir não foram criados para cumprir as úteis determinações da Direcção Geral dos Desportos, mas porque representam mais um período na campanha desinteressada, pro-educação física, que a colectividade em referência há muito desejava.

E com o mais insuformável êxito — digase.

A propagação dos exercícios ginásticos deve muito, muitíssimo, ao Sport C. do Pôrto, que no seu propósito de pro-educação física e a cada praticante a indispensável robustez — para a vida e para o desporto — teve de lutar anos seguidos com a tacañeira do meio e com as dificuldades materiais que logicamente se depararam num clube que vive amparado na quotização e não possui qualquer recepção desportiva de largos proveitos.

Mas todas as dificuldades foram vencidas, todos os obstáculos derrubados, e hoje, que o panorama se modificou por completo, quando todos os clubes são obrigados a manter uma secção de ginástica devidamente organizada, o Sport Clube do Pôrto tem o direito de sentir orgulho ao reabrir os seus cursos, que se iniciaram então sob a orientação de seus mestres que foi Armando Tschoop, magnífica glória do desporto nortenho.

Aproveitando pois a oportunidade, exat-se mais uma vez o trabalho sólido do Sport Clube do Pôrto em favor da educação física e deixemos aqui os nossos aplausos aos dirigentes de tão simpática colectividade.

A FIGURA DA SEMANA

IV

Edgar Tamegão

A nossa figura de hoje pode ser incluída, sem favor, no número — aliás restrito — dos excepcionais desportistas que se encontram entre nós. Filho de um casal de prestigiosos professores de ginástica — arleão de nome de um distinto oficial do Exército que á casa da Educação Física tem dado o melhor do seu esforço e do seu saber — Edgar Tamegão mantém, em nível elevado, as tradições da sua ilustre família, que no campo ginástico tem desenvolvido, através de longos anos, actividade preciosa. E tão preciosa que o nome de Tamegão não poderá deixar de ser lembrado em qualquer resumo histórico sobre a evolução da Educação Física em Portugal, por mais simples que seja!

Mantendo, pois, as tradições dos seus ascendentes, Edgar Tamegão começa a ganhar posição de valão no nosso meio, quer como professor de ginástica — as suas primeiras lições constituíram franca promessa — quer como praticante do desporto, onde tem alcançado êxitos insofismáveis e brilhantes, que perpassam pelas mais variadas modalidades: atletismo, alpinismo, futebol, patinagem, hipismo, remo, natação, etc... São raros, muito raros mesmo, os «casos» como o deste jovem atleta, que pela prática e pelo estudo está a conseguir bagagem pedagógica excepcional. Teremos, no futuro, um magnífico orientador do nosso desporto!

Já atrás o afirmámos — em todas as modalidades que pratica se tem distinguido de forma brilhante; no atletismo, porém, os seus triunfos tomam lugar especial, embora o praticante não tenha vindo dado o seu mérito, por lhe faltar tempo para regrada preparação. No dia em que Edgar Tamegão cuidar convenientemente do estudo do salto em comprimento — especialidade para a qual o achámos com boas qualidades — passará os 7 metros, meta ambicionada por todos aqueles que se dedicam a referida especialidade.

Esta referência que lhe fazemos merece-a pelo seu último triunfo: a conquista de um brilhante 2.º lugar na disputa do Decatlo — durante a qual Tamegão soube representar condignamente o atletismo portuense, em geral, e o seu clube — o Académico — em especial.

timados dentro da mesma base de optimismo com que foram iniciados.

Grupo de Propaganda da Natação

Quasi anónimamente, afastado das parangonas dos jornais, ou sequer da imprensa da especialidade, o grupo de Propaganda da Natação continua a desenvolver a sua acção meritória em prol da natação. Pena é que não se aporça com frequência aos portuenses o que tem sido o seu labor acertado, consciente e assíduo. Nascido numa hora em que a natação não atravessava o actual período de crise, a sua acção foi desenvolvida junto de nadadores e profundos que não estavam arregimentados a clubes.

Num trabalho de larga projecção, mas anónimo, o G. P. N. tem preparado conteúdos, talvez milhares de rapazes, meninos, senhoras e homens, alguns até estropiados — ainda este ano foi pôsto a nadar um paralítico na escola que funciona no Molhe de Carreiros, a «Foz do Douro» — ensinando-os, desde as primeiras noções da natação aos saltos e salvamentos. Fizeram eco e deram brado alguns das suas provas, que o desinteresse tem deixado agora no olvido.

Todos os seus, socios seus, espalhados pelas diversas praias fluviais e marítimas, estão graciosamente à disposição de quem lhes queira aproveitar os ensinamentos técnicos. Todos os anos saem dessas escolas uns tantos alunos aptos a nadar.

Que obra melhor do que esta, no seu aspecto desportivo e humanitário! Entretanto, o G. P. N. continua, sem esperar agradecimentos de ninguém, a cumprir a sua obra verdadeiramente altruísta...

FLECHA

é a melhor bicicleta

NOTAS DA SEMANA

O Académico em festa

O clube do Lima comemorou no fim da semana transacta o 35.º aniversário da sua fundação, numa «festa clabista» de certo apuro e critério.

A acção que o Académico desenvolveu em prol do desporto nacional, se neste momento não se traduz em fama retumbante, tem, pelo menos, o merecimento de ter sido o aliflore de tantos atletas que ao país deram honra e fama. Era no tempo em que o norte dava atletas para as Olimpíadas — e do Académico saiu também o primeiro internacional de futebol do norte, Manuel da Fonseca, extremo esquerdo da selecção nacional.

Podem as contingências ou o desenrolar do tempo ter afastado o clube do Lima dos cumes da celebridade, mas o seu trabalho foi fecundo; atesta-o também o seu bellissimo estádio, como ainda não há outro nesta cidade, infelizmente. A família acadêmica os nossos parabéns.

Os 68 anos do Fluvial

O Fluvial comemora o seu 68.º aniversário — uma vida! Colectividade que ao longo tempo do melhor do seu esforço e que á história da modalidade está ligada por jornadas de insofismável brilhantismo, o Fluvial é digno da admiração de todos nós, desportistas portuenses, nesta sua hora festiva. Sem auxílios, sem recusas extraordinárias e com elevadas despesas, os fluvialistas têm sabido «timonar» a sua agremiação através das contingências da vida e elevá-la a posição de franco destaque.

Trabalhos práticos

A acção desenvolvida pela Direcção Geral dos Desportos nesta cidade tem, nos últimos tempos, merecido rasgados êxitos.

Várias modalidades que, mercê de problemas em suspensão, não haviam dado mostras de existência na época finda, ou se tinham mostrado frouxas na manifestação da sua actividade, foram dotadas — ou estão a sê-lo — de comissões administrativas, as quais, confiadas a bons desportistas, deverão produzir trabalho da maior utilidade.

Outrossim, vai bem encaminhada a questão do agrupamento das diversas modalidades de vida financeira difícil. Tudo garante que a ideia terá acolhimento benevoleno por parte das direcções dos organismos nessas circunstâncias, com os vantajosos resultados da sua reunião numa sede própria e única.

É de crer que os trabalhos sejam ul-

«STADIUM» NA CAPITAL DO NORTE



UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preços... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso andar para adquirir um bom fato, sobretudo ou sobradine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.^a maior perfeição e não paga luxo.

CAMPEONATO DE FÚTEBOL:

1 — No jogo *Porto-Académico*, a defesa do segundo, vigilante, afasta o perigo. Na outra fotografia (2) cabe a vez do Santiago ser focado numa intervenção difícil. No encontro *Boavista-Leça*: 3 — Oscar para uma bola rematada de longe. REMO: O encerramento da época no Fluvial: 4 — Grupo dos concorrentes às provas; 5 — A tripulação vencedora em «out-rigger», seniores. O ANIVERSARIO DO ACADEMICO: 6 — Antigos atletas, convidados e directores, na sala dos trofeus, inaugurada no sábado.

Chaves de todos os modelos

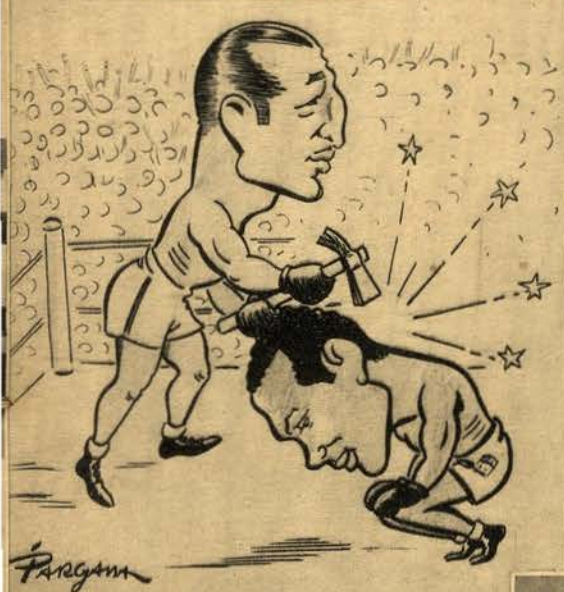
Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-nas? — manda fazer outras na **CASA DAS CHAVES** da **madeu Gomes da Fonseca** Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) • Tel. 28050



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



UMA «VITÓRIA» DE «PÊSO» E A «MARTELO» DE... GARCIA ALVAREZ!



A INAUGURAÇÃO DO «CURSO DE CICLISMO» ORGANIZADO PELA «STADIUM»: 1—O dr. Salazar Carreira, ladeado por M. Mota, da Federação de Ciclismo, C. Paulino, da Associação do Sul, Raul de Oliveira, director de «Os Sports» e dr. Guilherme de Matos, nosso querido director, profere a sua alocução, como representante da Direcção Geral de Desportos. 2—O nosso camarada Gil Moreira diz a lição inaugural. O ENCERRAMENTO DA EPOCA DE NATACAO: 3—Grupo dos concorrentes no festival de domingo; 4—Lopes da Conceição e Mendes da Silva, os nadadores completos» de 1944. A DESPEDIDA DE LEONEL COSTA: 5—O valoroso desportista fotografado para a «Stadium» durante a festa de sábado, na qual foi justamente homenageado. A ÚLTIMA SESSÃO DE BOXE NO ESTADIO MAYER: 6—Fase do combate entre Sousa e Messeguer; 7—Como o caricaturista Pargana viu a luta entre Larzen e Garcia Alvarez



A MARCA QUE EU VOU USAR EM CHAPÉU É BONÉS



FUTEBOL



(Continuação da página 7)

Sporang conseguiu, num remate de sua visão, a famosa vitória. É evidente que o desafio acabará aí, a pouco mais de meia hora da segunda parte. Não era crível que o Benfica ainda encontrasse neste *motivo* as forças suficientes para o terceiro empate. Mesmo porque, como se viu desde, esse momento em diante, o Sporting continuou a revelar *autoridade* em campo, isto é, preocupação de ataque e boa ordenação de defesa.

Assim como a presença de Albino no Benfica deu a necessária ordenação ao jogo, que não existia contra o Belenense, o que prova a influência de uma unidade num onze, não dá dúvida que a influência de Peyroteo, o máximo da sua *forma* e a uma altura raramente atingida por um avançado em Portugal, decidiu a contenda.

Verifica-se que o Sporting poderá confiar na sua linha defensiva, mesmo por já ter linha média. É no ataque para onde deve convergir toda a sua atenção. Barrosa está esplendido de vida e vibração.

No Benfica merecem plano de destaque Cesar, Albino, Ferreira, Espírito Santo e Teixeira. Também o merece a arbitragem do sr. Andrade Pinto, certa, séria, visivelmente imparcial, com erros no julgamento das deslocações, mais derivadas dos juizes de linha do que de decisões próprias. Pois esse é precisamente um dos males do moderno processo de arbitragem.

O Sporting venceu. O que diriam — em caso contrário? Que a deslocação a Madrid fôra desproposita, etc., etc. Afinal, as coisas compõem-se ao sabor de como Deus as quiere. Melhor assim.

Todos os encontros são difíceis. De Santo Amaro às Salésias.

A derrota do Atlético no seu próprio campo de Santo Amaro foi devida, fundamentalmente, ao mau trabalho da defesa. O trio das rédes, a conjugação guarda-defesa, esteve longe de cumprir. Com todos os três jogadores em má tarde, deu-se o inevitável em tais circunstâncias: começou cada um a duvidar dos outros, resultando a desorganização completa. De sorte que, ataques sem fundo, que seriam facilmente contidos noutra altura, transformaram-se em ofensivas perigosas, mais ou menos com *goal* à vista.

Há igualmente a acrescentar que a *linha medular* do Atlético atravessa uma crise vital de jogo. E' ainda um compartimento de mérito, mas falta-lhe a resistência antiga para se impôr, no jogo de antecipação, como antigamente, do primeiro ao último encontro.

Acresce que o Atlético, privado do seu guard-rêdes ao quarto de hora da segunda parte, viu-se na necessidade de tirar ao ataque a sua unidade mais destacada (Catinana), o homem mais indicado, ao que parece, para guarda-rêdes substituto. Portanto, com 4-2, numa fase em que se impunha ao Atlético luta de vida ou morte, é evidente que o onze não pôde desenvolver-se com todas as forças. Estava mortalmente ferido.

Todas estas considerações não deslustram a vitória do Estoril Praia. Tendem, apenas, a repôr a verdade dos factos. Precisamente, o sector defensivo no lado do Estoril Praia portou-se magnificamente, valendo nos casos derrotares a segura intervenção de Valongo. Mas o Estoril também soube coordenar devidamente os movimentos de defesa e de ofensiva. Neste capítulo, é justo afirmar que os seus interiores orientaram a partida com inteligência e explorando bem as falhas do adversário. Por felicidade, o Estoril teve ainda o *rematador* à altura da situação, conseguindo, portanto, praticamente, o que a teoria ditava.

A partida das Salésias foi renhida. Mais do que isso, indecisa. Basta dizer que a vitória resultou de uma tremenda confusão em frente das rédes, a sete minutos do fim.

O Belenense alcança o intervalo ganhando por 1-0. No recomeço, sem perda de tempo, registou-se o empate. E assim se permaneceu até o *goal de confusão*.

Certamente, o Belenense é muito mais *team* que a C.U.F., mas não basta dizê-lo. Mesmo que assim seja, é preciso prová-lo em campo. Ora os *teams* de categoria esquecem-se muitas vezes do princípio de que todos os desafios são difíceis. Facilitam as coisas. Quando, de um momento para o outro, o desafio dá a volta, ficam espantados. Nesta altura, forçam a luta, dando tudo quanto podem. Às vezes, é tarde. De outras, ainda estão a tempo de remediar o mal. Remediam-no.

O Belenense na fase em que impôs o seu jogo, por necessidade de vitória, obrigou a defesa adversária a um trabalho de atenção a todos os golpes, permitindo deste modo uma brilhante exibição de Amílcar que, noutros desafios, já temos visto inerte.

O mal do remate viveu na linha avançada belenense, que, com um pouco mais de serenidade e cuidado, nem se viu em tão maus lençóis nem teria dificuldades em conseguir um resultado mais expressivo. Por sinal, os avançados da Cuf sofreram do mesmo mal e assim o desafio das Salésias fica como padrão de esforço dos grupos menos categorizados, mas que não se resignam à condição de *últimas* em frente daqueles que costumam considerar-se *tiranos*.

II Divisão da A. F. L.

A sexta «ronda» do torneio menor da A. F. L., com um programa que, no conjunto, era dos melhores que a prova até agora ofereceu, não só decorreu com regularidade absoluta e interesse apreciável, mas também teve o condão de deixar melhor esclarecidas as posições dos concorrentes.

Deve assinalar-se, em primeiro lugar, que voltou a haver um só clube na cabeça da classificação e que a igualdade Sacavenense-Fósforos também se desfêz. A classificação ficou assim ordenada: 1.º F. Benfica, 16 pontos; 2.º Chelas, 15 pontos; 3.º Operário, 14 pontos; 4.º Fósforos, 13 pontos; 5.º Olivais, 12 pontos; 6.º Sacavenense, 11 pontos; 7.º Casa Pia A. C., 9 pontos; 8.º Marvilense, 6 pontos.

Passou a haver um só clube que não sofreu ainda o amargo da derrota: o Futebol Benfica, com dois pontos perdidos em dois empates.

Os avançados voltaram a mostrar-se mais realizadores. Marcaram-se dezasseis *goals* — número só excedido na segunda jornada, visto que, sucessivamente, se registaram: 18, 31, 10, 13, 15 e 19.

Na sexta «ronda» verificaram-se os seguintes resultados:

Futebol Benfica-Sacavenense	4-1
Chelas-Operário	4-1
Olivais-Casa Pia	2-1
Fósforos-Marvilense	6-0

Como se vê, a jornada foi cem por cento favorável aos clubes que jogaram em casa. E dos vencidos foi o Casa Pia o que deu melhor conta do roçado. O Marvilense não só sofreu a mais severa punição como não obteve o ponto de honra.

A vantagem de três *goals* alcançada pelos benfiquenses, em frente dos sacavenenses, deixa transparecer uma superioridade que não existiu. Só a deficiência do remate dos avançados visitantes justifica o *score*. Nos primeiros 45 minutos houve equilíbrio; depois durante vinte minutos o Sacavenense dominou. . . e sofreu o segundo ponto. So então o *cleader* pôde descansar sobre o resultado.

O Chelas obteve excelente triunfo. E o Operário sofreu a primeira derrota, embora dando réplica tanto mais acatável quanto é certo que ficou reduzido a dez elementos pouco depois do começo do encontro. A defesa do grupo de S. Vicente evidenciou segurança e dificuldade por largo tempo a vitória dos chelenses.

Os olivaisenses, em fase de recuperação, não foram além de um *goal* de vantagem, o que, de certo modo, abona o comportamento dos casapienses. E se os avançados do Casa Pia A. C. fossem mais decididos e não tivessem perdido algumas excelentes ocasiões verificadas durante o período de domínio, não sabemos o que teria acontecido. . .

O Fósforos parece, finalmente, no bom caminho. A sua vitória de domingo é das que convencem. A inclusão de Alvaro Pereira no eixo do ataque melhorou consideravelmente o poder ofensivo da equipa. Aquelle jogador teve reparação feliz: marcou cinco *goals*, dos seis que o grupo obteve.

O Fósforos, como o Futebol Benfica, ganhou nas duas categorias inferiores — proeza sempre de salientar. Entre chelenses e operários, dois empates. Nos Olivais, uma vitória para cada lado.

Campeonatos Regionais

NO PÔRTO

RAZAS vezes o Académico terá proporcionado um encontro tão cheio de emoção como o que effectou no último domingo com o F. C. Porto, a tal ponto que o desafio pôde considerar-se o melhor da temporada. O F. C. Porto chegou ao intervalo a ganhar por 1-0. Mas após o recomeço, o Académico, com um *ream* deventas aguerido, a honrar a indiscutível forma da linha média e com a defesa excelente e interceptar e regularíssima a devolver, depressa modificou o resultado para 2-1 a seu favor, conseguindo ainda situações que lhe permitiriam aumentar este *score* — o que os avançados não aproveitaram por precipitação.

Os caméops jogaram sem Correia Dias e com Anjos a extremo direito, alteração indiscutível perante o fracasso iminente neste encontro. A defesa esteve pouco segura e proporcionou o 1.º ponto ao adversário. O ataque não se evidenciou. Se a bola não houvesse sido recolhida providencialmente por Artur de Sousa, oferecendo-lhe a oportunidade de a aproveitar para o empate, a possibilidade posta na luta para anular a desvantagem teria sido improvável. Daqui se infere que há necessidade de acatular melhor o grupo contra surpresas desagradáveis.

Quanto aos restantes jogos, o Salgueiros vê desenharse já o almejado 2.º posto da classificação, que lhe dará a entrada no torneio nacional. A sua vitória contra o Leãoz, em casa d'este, documenta-o bem para essa possibilidade.

Já o Leça, pelo contrário, vê apagar-se a viabilidade de emparelhar com o campeão do mesmo torneio. Derrotado pelo Boavista, a esperança torna-se fútil.

NA PROVINCIA

ALGARVE — Era de esperar, os alésses de Faro foram a Olhão perder por 2-4. O ohanense, por consequente, continua *cleader*, agora mais que nunca com possibilidades de continuar campeão da provincia. O Lusitano, desembaraçando-se bem em Portimão, espereita, contudo, uma oportunidade. . .

AVEIRO — Disputaram-se os jogos correspondentes ao torneio n.º 2 do campeonato distrital, com os resultados seguintes: União Oliveirense-Sporting de Espinho, 1-0; Desportiva Ovarense-União de Lamas, 3-2.

BRAGA — Apesar de faltar o jogo entre os sportingistas bracarense e o Gil Vicente, de Barcelos, pode dar-se como concluída a primeira fase do campeonato minhoto. Ficaram apurados para a competição final além dos dois clubes mencionados acima, o Vitória de Guimarães e Famalicão. Resultado da última jornada do torneio preliminar: Gil Vicente-Vianense, 3-1; Vitória-Sp. Fafe, 2-0; Famalicão-Vizela, 13-2; Sp. Braga-Fafe, 10-2.

CASTELO BRANCO — Na zona norte, Colvielhenses bateram S. L. Covilhã, por 3-2, e na zona sul os concarçados de Castelo Branco derrotaram os Albi-castrenses por 8-0.

COIMBRA — Na última jornada da primeira volta, meio caminho andado para a conquista do título, registaram-se os resultados seguintes: Anadia-Académica, 0-6; Lusitânia-União, 1-10; Sport-Naval, 5-1. Os estudantes, mesmo fora da cidade, ganharam folgadoamente, e o União obteve o melhor resultado da «ronda», verificando-se segundo triunfo consecutivo do Sport. Classificação da primeira volta: Académica, 14 pontos e 25-5; União, 13 p., 25-6; Naval, 10 p., 8-12; Sport, 9 p., 10-20; Lusitânia, 8 p., 8-17; Anadia, 7 p., 5-16. Na próxima esquadra, o Lusitânia vai à Figueira da Foz, a Académica visita o Sport e o União recebe o Anadia.

EVORA — Juventude e União de Montemor continuam em igualdade e não querem perder; o primeiro foi o Extremós ganhar por 2-1 e o último recebeu o Lusitano, triunfando por 2-0. Juventinos e montemorenses caminham na vanguarda da classificação, ambos tem oito pontos (2 vitórias e um empate), aqueles com 0-5 e estes com 0-4. A seguir está o Lusitano, 6 p., 5-7 e o Extremós 13 p., 3-7; fecha a lista. No próximo domingo começa a segunda volta.

SETÚBAL — A primeira jornada da segunda volta comportava o jogo n.º 1 do campeonato — Barreirense-Vitória. Verdadeira partida de campeonato, enérgica, onde todos os jogadores deram tudo por tudo e com fases de bom futebol, o que nem sempre acontece em jogos decisivos como este. Qualquer dos grupos criou mais ocasiões do que as traduzidas em *goals* (2-2). O Barreirense, porém, perdeu o maior número, por não dispôr de avançado centro realizador e veloz. O Vitória foi prático, com linha de ataque mais homogênea e defesa muito atenta, embora menos segura. Os jogadores estiveram em vencedores e a apesar do empate verificado no final regressaram à capital do distrito com maiores possibilidades de conquistar novamente o título. . .

O Lusitano voltou a empatar com o Cuf (2-2), desta vez no campo do último. A descrença dos «cufistas» perante os «lusitanos» confirmou-se.

Em Arrentela, o Amora triunfou por 1-0, mas o encontro ficou assinalado com situações que levaram a interdição do campo dos arrentelenses.

E no Montijo, para onde se deslocaram os setzealenses, o Onze Unidos pôde averbar mais uma vitória (4-1).

Na nona jornada, com a suspensão do Arrentela F. C., descaçou o Vitória. Os outros jogos pouca margem deram para comentários. São até os vencidos que merecem talvez melhores referências.

O Seixal perdeu com o Barreirense (0-1) mas impondo o seu jogo. O mesmo sucedeu à Cuf, batida pelo Amora por idêntico *score*. Quanto à partida Lusitano-Onze Unidos, foi possivelmente a que reuniu mais margem de agrado. O Lusitano perdeu por 2-0, mas não saiu diminuído da contenda.

VIZEU — Na cidade, os «encarnados» foram visitados pelos tondeenses. E ganharam por 7-3. Continuam, portanto, favoritos cem por cento. O Académico foi jogar a Travauca da Rodiosa e ganhou, também, mas apenas por 8-2.

CICLISMO

O LISBOA-SANTAREM-LISBOA
disputa-se no domingo

A temporada velocipédica de 1944 termina no próximo domingo para os corredores independentes. Estes terão, como fecho de época, a importante corrida «Lisboa-Santarem-Lisboa», prova a disputar em duas etapas, organizada pelo Grupo Desportivo «A Iluminante» e que a Stadium patrocina.

Esta corrida, na qual devem participar, além da equipa do clube organizador, as do Sporting, Sangalhos, F. C. do Porto, Salvaguarda e Académico, é dotada de esplendidos prémios, decerto os mais riosos que se instituíram este ano em corridas promovidas no Sul.

As taças para as três equipas mais bem classificadas são respectivamente de 900\$00, 700\$00 e 500\$00. Para os corredores haverá prémios individuais no valor de 2.000\$00.

Espera-se ainda que em Santarem, final da primeira etapa, haja também prémios individuais e colectivos para os concorrentes.

A concentração e chamada dos corredores para o «Lisboa-Santarem-Lisboa» far-se-á no largo do Intendente, em frente do Stand Flecha, e a partida oficial para a primeira etapa é dada às 9 horas, na rotunda do Azeiteiro. Em Santarem, a chegada é localizada em frente do Campo da Bandeira.

A «Prova Iniciação Flecha», a disputar em 28 e 29, está a despertar muito interesse

Fazendo parte das iniciativas da nossa revista, está marcada para os dias 28 e 29 a disputa da interessante corrida de propaganda denominada «Prova de Iniciação Flecha», que, como temos noticiado, será apenas disputada por estradistas iniciados e pelos que nun a tivessem corrido em competições oficiais.

Além de avulada representação de Lisboa, mercê dos elementos ins ritos pelo Benfica, Apolo, Combatentes, Iluminante e Lisgás, muitos outros clubes da provincia participarão na prova. Desses, podemos já dar como certa a inscrição do Sport Lisboa e Alenquer e do União Torreense.

De Sintra, Praia das Maças, Barreiro, Setúbal, Cartaxo e Vila Franca de Xira também virão a Lisboa muitos estradistas novos, dando assim especial interesse à corrida.

Reportagens
gráficas

Com a publicação da reportagem e tricromia do Luso Sporting Clube, de Beja, encerramos hoje a série de reportagens gráficas que oferecemos aos nossos leitores e que tanto êxito alcançaram, como aliás esperamos, visto tratar-se da mais completa colecção no género até hoje editada.

Aproveitamos a oportunidade para informar todos os leitores que nos enviaram importâncias para aquisição de números esgotados, que vamos reimprimir e separatas esgotadas, fazendo a respectiva remessa logo que este trabalho se encontre concluído.

Os colecionadores da provincia que nos enviarem os cupões para obtenção da capa que ofereceremos, devem ler o cuidado de indicar, por forma bem legível, os respectivos nomes e moradas.

ATLETISMO

(Continuação da página 3)

com perda de rendimento, que no salto em altura se agravou com a intempestiva intervenção de experiências do alto-falante no visinho campo da «Cuf», cantando roufeno e irritante no momento crítico da concentração.

Quando chegou à beira da última prova, os 1500 metros, Matos Fernandes precisava de alcançar pelo menos 4 m. 44 s. para melhorar o seu «record»; deu então magnífica demonstração de vontade, empenhando-se no êxito da sua justificada aspiração. Começou demasiado rápido (1.^a volta em 1 minuto) mas conseguiu de seguida o andamento conveniente (1 m. 20 s. nas voltas imediatas) despendendo na volta final todo o resto de energia e acabando cambaleante.

Edgard Tamegão deu provas de excelentes recursos mas deficiente preparação; não aguentou a distância na prova de fundo, desconhece por completo a técnica de passagem de barreiras e nunca saltara à vara, embora se adaptasse com relativa facilidade à mediocridade geral. Vale, sem favor, 5300 pontos.

Alvaro Dias também é homem talhado para a competição; apresentou-se muito abaixo da sua forma normal, mas precisa de aprender a transpôr as barreiras (a sua pior prova) e a regular melhor o esforço nas corridas de velocidade prolongada e fundo.

Vale também, em boa condição, 5300 pontos, mas qualquer destes dois excelentes atletas é capaz, com preparação adequada, de ultrapassar a marca do actual «record» português.

Luis Alcide é demasiado frágil para as exigências de tão severo conjunto de provas; fraqueja demasiado nos lançamentos e na vara, por falta de braço, e nos 1500 metros, por carencia de fundo, para que possa ser um verdadeiro decatlonista.

Os torneios para iniciados

O Sporting, o Benfica, o Ateneu e o Futebol Clube do Porto principiaram já com a organização regular de torneios reservados aos «caloiros» do atletismo, iniciativa felicíssima, posta em prática há um ano pelos «leões» e cujos resultados animaram os outros clubes a imitá-los.

A afluência aos concursos promovidos pelos dois clubes do Campo Grande, únicos sobre os quais conseguimos informações precisas, foi muito grande.

É espectáculo reconfortante presenciar as evoluções na pista e no campo de mais de uma centena de rapazes equipados, competindo com entusiasmo em corridas e concursos. Uma dezena de entre eles que revele aptidões aproveitáveis, será suficiente compensação dos esforços despendidos pelos dirigentes.

Os resultados dos torneios já celebrados são bastante animadores; lembrem-nos que se trata de praticantes inexperientes, com rudimentos de técnica ou sem técnica de espécie alguma, e apreciaremos no devido valor as marcas dos melhores.

Em velocidade revelaram-se, no torneio do Benfica, António Machado (60 m. em 7,7 s.), e no do Sporting, Eusebio Rodrigues e Francisco Kéri (80 m. em 10 s.), sobretudo o último, que tem bela planta de corredor e óptima passada.

Luis Rocha com 33 s., A. Carrola e Carlos Leandro com 33,3 s., e Fernando Nunes com 33,4 s. são nomes a reter na velocidade prolongada, assim como Artur Martins (1 m. 55 s.), A. Gomes e F. Gonçalves (1 m. 59,4 s.) nos 700 metros; M. Avelino (6 m. 23 s.) e António Nunes (6 m. 24,4 s.) nos 2000 m., todos futuros sportingistas.

Orlando Silva (Sp.) saltou 1,62 m. em altura e Veloso (Bf.) 1,60 m.; Luis Rocha alcançou 5,83 m. em comprimento; no lançamento do peso há cinco marcas superiores aos onze metros, duas no disco de 28,70 m. (Marreiros, no Sporting) e 27,60 (Outeiro, no Benfica) e uns excelentes 43,77 com o dardo, pelo sportingista Paulo Cardoso, que se avalia lançador de grande futuro.

Esperemos sete meses para saber quantos destes esperançosos rapazes persistem e se confirmam. — S. C.

Os Leões em Madrid

(Continuação da página 6)

culo, inflexível contra o truque e o recurso baixo da raiz e de outras coisas semelhantes.

O descriptivo, como a análise do encontro, estão feitos e por críticos de nome. Como tal, porém, a nossa Revista, que nunca se absteve dos grandes assuntos desportivos, sejam quais forem os clubes que neles interveham, tratar o assunto, não queremos deixar de dar as linhas gerais da partida do Metropolitano, que rasgou novos horizontes à aproximação futebolística entre os dois países, a tal ponto que se tem como certo o restabelecimento dos jogos entre os dois países. Lá para Março em Lisboa. Lá para Maio em Madrid. Isso estamos fazendo.

O Atletico Aviacao jogou primorosamente na primeira parte. O onze português deu-nos a impressão de actuar dentro na mente a fama do grupo espanhol, retratado, sobre a defesa, mal se aventurou ao ataque. A falta de hábito da reiva, o bater da bola, e a propria bola diferente das nos-sas, contribuíram para semelhante modo de indole defensiva.

Nada conseguiu destruir, porém, a excelência do jogo madrileño, de movimentos taticos ofensivos, com magnifica eficiencia, numa ligação perfeita com a linha mediana, e este em contacto com a formação defensiva. Quer dizer, estava bem retratado neste comportamento o conceito moderno de todas as unidades se submeterem ao conjunto. Evidentemente, uns jogadores destacaram-se mais do que outros. Campos, por exemplo, encontrava neste associação de conjunto margem bastante para se erguer ao de cima de todos os outros, mas em linhas gerais dominava a ideia de ataque em linha. A execução — os jogadores espanhóis davam a impressão de correrem mais do que o que corriam; pela sua técnica — a sensação de que a bola era escrava da sua vontade; pela sua conclusão na grande área — ideia da eficiencia.

O resultado de 1-0 ao fim do intervalo foi um bálsamo. Os portugueses compreenderam perfeitamente que, afinal, o jogo não era grande coisa, e a formação foi feita. Bastava organizar melhor o seu jogo de postado ou de marcação, e dar uma faceta de ataque ao seu jogo, para o desafio, porventura, ter outras cores. Assim fizeram — de facto. Com os interiores melhor colocados, e essa ideia de ofensiva, os portugueses desenvolveram o seu jogo de ataque, mudando por completo a face do desafio.

O dia da noite. A cara transformou-se em cruz. Então, garantimo-lo, o espectáculo foi bonito. Pleno de emoção.

O Sporting ocupou durante muito tempo o campo espanhol backs quasi sobre a linha do meio campo, nalguns períodos, executando avanços sobre avanços, rasteiros, e dominando a bola, como convinha, fugiu ao embate com a defesa que metia medo...

Dava gosto ver dominar por forma tão perfeita a equipa madrileña. Os espanhóis venturam tão fortemente o desgosto que, parte da assistência, e em grande numero, com palmas dobradas e assobios, mostrou o seu descontentamento. Entretanto, em lances de infelicidade da nossa defesa, um do guarda-redes e outro do back esquerdo, conseguiram duas bolas, e isso representou o melhor dos benefícios para o mal do A. Aviacao em campo. Não fora isso, e não sabemos o que seria da equipa de Madrid, em comentários e recriações. De resto, com um pouco de razão, talvez, pois, em contraste com a vontade portuguesa, não houve vontade espanhola. Melhor exprimindo: os portugueses jogaram como amadores excelentes; os espanhóis como jogadores profissionais.

Do que escrevemos deriva que todos os homens do Sporting cumpriram o seu dever, e isto parece nos essencial, sobretudo numa equipa que se desloca ao estrangeiro.

Não esqueceremos tão cedo a exibição de Verissimo — a mais grata surpresa neste aspecto. Nós que, talvez não dizê-lo; não confiamos abertamente nas suas possibilidades, tivemos occasia de ver um jogador de ferro em acção. Já na primeira parte a sua intervenção constante nos chamou a atenção. Mas no segundo tempo, a sua colocação e a sua boa passagem à frente convenceram os interessados.

Verissimo jogou no Metropolitano como no Lumiar, de uma serenidade a toda a prova — o que revela categoria. O rapaz, no fim do encontro, desabafava conosco esta verdade: *Aqui pode jogar-se a bola, porque os árbitros não punem as entradas em força, mas lamenteo executadas.*

Outro nome que merece evidência foi, sem dúvida, Cardoso que, por assim dizer, não perdeu uma bola, com uma autoridade absoluta. E ainda Barrosa, espantoso de energia, ocorrendo a todos os lados e a todas as partes, numa consagração de esforço e dedicação que são, no fundo, as grandes qualidades do nosso jogo. Também António Marques, que melhorou singularmente no segundo tempo, merece a citação do seu nome, juntamente com Peyroteo, o homem que tem o público espanhol em mão, mas a quem o desenrolar do jogo não correu inteiramente de feição. Cabe dizer, no entanto, os anotação final, e repetindo, que todos os homens cumpriram o seu dever. Mais do que a sua obrigação.

TAVARES DA SILVA

Ano II — Lisboa, 18 de Outubro de 1944 — II Série — N.º 95

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIÉDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5-1146 — LISBOA

Exenção gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os jogos Atlético-Estrela e Belenenses C.U.F.



EM SANTO AMARO: 1 — Valongo salta — mas um companheiro intervém, mais oportuno; 2 — Defesa de Armando Jorge a um remate de cabeça; 3 — Uma intervenção de cabeça que valeu pelo esforço nela posto. EM BELÉM: 4 — Amílcar, num salto prodigioso, consegue defender para «canto» — contra todas as aparências... 5 — Outra intervenção do mesmo guarda-rédes.



Stadium